

## O ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS.

Estado atual do problema da preservação das ruínas e considerações sôbre a documentação dos arquivos bégas.

---

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

Instrutora de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

A indústria açucareira esteve e ainda está na linha de frente da riqueza nacional, pois a história do açúcar no Brasil acha-se vinculada à história da própria colonização. A mesma data, o mesmo local, a mesma paternidade. Se não podemos precisar o sítio onde Martim Afonso de Sousa estabeleceu a primitiva vila de São Vicente, foi entretanto, possível a localização do primeiro engenho construído em terras de Santa Cruz. Dêsse engenho, então chamado do Governador ainda restam ruínas, identificadas pelo chefe do 4º distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como as mais antigas de todo o Brasil (1).

Esse primeiro testemunho do passado histórico de nossa terra, hoje Monumento Nacional (2), pode ser visitado no Município de Santos, em terreno doado ao patrimônio da Universidade de São Paulo. O doador, Sr. Octávio Ribeiro de Araujo, no ato da escritura (3) declarou haver sido o seu gesto uma resposta ao apêlo de uma aluna, depois assistente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Apêlo no sentido de que os "restos" do Engenho de São Jorge dos Erasmos pudessem ser preservados, aproveitados e, talvez, restaurados, por uma equipe credenciada. O pioneirismo, tanto do projeto como da conseqüente doação, justifica que sejam transcritas as palavras do então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo:

- 
- (1). — Sala (Luís). — *Notas sôbre a evolução da morada paulista*. São Paulo. Ed. Acrópole, pág. 4. 1957.
  - (2). — *Diário Oficial da União*. Capital Federal (Brasília). 5 de agosto de 1963. nº 6.787. Sec. I.
  - (3). — Salão Nobre da Câmara Municipal de Santos, 31 de janeiro de 1958.

“... A restauração ou preservação das ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos será mais uma contribuição meritória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, pequena, não há dúvida, comparada a outras, mas que refletirá também no setor histórico, a reverência a uma das mais belas tradições de nossa terra. A concretização da idéia de nossa aluna servirá de estímulo para que outras entidades, particulares ou oficiais, pessoalmente ou através de suas instituições de classe, colaborem com as pesquisas que vêm sendo realizadas pelos alunos das várias secções da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo” (4).

Em decorrência dos trabalhos executados nos “restos” do engenho de São Jorge dos Erasmos pelo 4º distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério de Educação e Cultura (DPHAN — MEC), mediante um convênio (4) estabelecido entre essa repartição e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL — USP); foram alcançados, até o presente, resultados expressivos. Além de haver colocado o primeiro engenho de açúcar brasileiro numa posição impar entre outras empresas congêneres, também o vincula ao campo da chamada arqueologia industrial. Com o prosseguimento das excavações, de um lado ficou provado a tese da chefia do 4º distrito da DPHAN, de que o projeto em foco seguia a linha dos engenhos das ilhas açorianas, pois:

“a instalação estaria disposta sob um mesmo teto, segundo um partido aglutinado destinado, comumente a determinado tipo de produção mais reduzida”.

E mais adiante argumenta:

“A solução de partido aberto, com um edifício para cada função, é posterior e parece invenção do ciclo nordestino do açúcar, onde se inaugurou uma produção volumosa em escala internacional e capitalista. Não existindo nos Açores e nem nas regiões que antecederam aos Açores no cultivo da cana mélica e na produção do açúcar: Algarve, Sicília, Creta, Oriente Médio, Egito, ao que sabe, nenhum “resto”, identificado de antigo engenho de açúcar; as ruínas em pauta constituem o exemplar mais antigo já identificado.

---

(4). — Paula (Eurípedes Simões de). — *As ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos*, in “Revista de História”. São Paulo. VII (28). pp. 539-540, outubro-dezembro de 1956.

(5). — Assinado aos 20 de dezembro de 1962 (Processo da Reitoria da Universidade de São Paulo nº 3.591-55, fls. 199-200.

Tal circunstâncias aumenta o valor já excepcional deste monumento”(6).

Ainda recentemente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tivemos oportunidade de verificar o grande interesse de especialistas em História Econômica, em pesquisas publicadas e a publicar (7), tanto em documentação iconográfica, como em “restos” de engenhos de açúcar e de armações de baleias, dentre outros, devido o seu desaparecimento em Portugal, e talvez no Velho Mundo. Mais ainda. Em prosseguimento às escavações, junto à parede da fachada principal:

“foi encontrado um fosso de cerca de 4ms x 2 de profundidade, esquadriado e revestido. Uma espécie de enxovia, depósito ou esconderijo. Estava completamente entulhado. Encontrou-se a meia profundidade, uma camada de cinzas misturada na terra, o que sugere seja o entulhamento posterior ao incêndio havido no início do século XVII, ou mesmo em consequência deste incêndio.

Neste caso, as formas de pão encontradas abaixo desta camada, seriam exemplares do fim do primeiro século” (8).

Aí está uma boa nova, cuja importância é evidente para os estudiosos e especialistas no assunto. Complementando-se, sabe-se que dessas peças, uma das quais conservada quase que intacta, além de fragmentos de outras, será feita uma descrição, numa nota a ser publicada em periódico especializado em arqueologia (9).

Por ora pode-se verificar a semelhança entre essa peça, autêntica, talvez única no gênero, com documentação iconográfica existente em Arquivo público e particulares. Exemplificando, é semelhante à famosa gravura de Hans von der Straat, mostrando uma “fábrica” de açúcar em pleno funcionamento, na Sicília, no século XVI. Esse documento vem sendo amplamente divulgado e ilustra a tradução portuguesa da monumental *História do Açúcar* de Edmund von Lippmann (10).

- (6). — Relatório, ainda inédito, do chefe do 4º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério de Educação e Cultura, ao Presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos, aos 14 de janeiro de 1966 (Processo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo nº 251-55).
- (7). — Dentre os especialistas vivamente interessados justifica-se seja destacado o nome do Prof. Jorge de Macedo, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com quem tivemos oportunidade de dialogar em janeiro de 1965, quando estivemos em Lisboa.
- (8). — Relatório citado.
- (9). — *Dédalo*, revista semestral de Arte e Arqueologia, que se edita em São Paulo. Órgão oficial do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo.
- (10). — Lippmann (Edmund O. von). — *História do Açúcar* (Tradução de Rodolfo Coutinho). Rio de Janeiro. Instituto do Açúcar e do Alcool. 1941-1942. 2 volumes.

Ainda mais. Nos trabalhos preliminares de limpeza de toda área, realizado pelo sr. Octávio Ribeiro de Araújo, encontrou-se uma imagem, possivelmente de Santo Antônio, modelada em terracota e, também no sítio onde deveria estar a capela de São Jorge, uma ossada, supostamente humana. Peças que ainda não foram objeto de estudos.

Dir-se-ia impossível negar somente esses dois resultados, dos mais auspiciosos, constituíam um imperativo à continuidade dos trabalhos que, com dedicação e capacidade, os técnicos do 4º distrito do DPHAN vêm realizando no sítio do engenho São Jorge dos Erasmos. Lamentavelmente tal não ocorreu. Os trabalhos programados foram paralisados em decorrência de corte da verba que lhe era destinada pela Universidade de São Paulo. Em face do ocorrido, a Comissão (11) nomeada pelo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para ocupar-se do engenho São Jorge dos Erasmos, recorreu aos bons ofícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Desta autarquia, conforme instrui o Processo 66/22 (12) foi recebido auxílio destinado à manutenção do guarda-zelador, pelo prazo de um ano e à base do salário mínimo vigente. Esgotado o prazo, a permanência do guarda-zelador do Monumento, que ainda lá se encontra, passou a ser um problema resolvido pessoal e particularmente pela referida Comissão.

Há um outro problema que escapa às funções da própria Comissão: é o da lavratura da escritura definitiva do engenho de São Jorge dos Erasmos. Providência reclamada, com justiça, pelo antigo proprietário Sr. Octávio Ribeiro de Araújo. Não se trata de uma reivindicação, mas sim de uma definição da Universidade de São Paulo, frente à uma das cláusulas processuais da escritura assinada há mais de nove anos, precisamente aos 31 de janeiro de 1958. O não cumprimento, além de eventualmente acarretar a perda do imóvel, vêm causando graves prejuízos ao benemérito doador. Tanto em relação aos impostos que estão sendo pagos pelo antigo proprietário, como e mais ainda, pelo fato do engenho estar encravado numa área loteada, com toda a problemática de delimitação e de escrituras outras. A comissão, após dialogar com o sr. Octávio Ribeiro de Araújo, enviou um ofício, ao Prof. Mário Guimarães Ferri, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, solicitando-lhe as providências que o caso exige.

(11). — Comissão especial designada pelo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e integrada pelos professores E. Simões de Paula, Ary França e J. R. Araújo Filho (Processo RUSP nº 3591-55, fls. 175), incluindo posteriormente a Profa. M. R. Cunha Rodrigues (Processo RUSP 3591-55, fls., 230).

(12). — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Processo 66-221.

Quanto à famosa documentação antuerpiana, foi bastante satisfatório o fato de haver sido provada a sua existência e mesmo ter sido localizada nos Arquivos Reais da Bélgica (13). De outro lado, tendo sido estabelecido contacto epistolar (14) com o 8º Duque D'Ursel, descendente direto de Erasmo Schetz (15), aventou-se a hipótese de convidá-lo para uma visita a nossa pátria, mais especificamente às venerandas ruínas do engenho que estamos focalizando.

Aos estudiosos interessa e muito, o acêrco documental: seja a catalogação dos documentos doados pelo duque d'Ursel, seja a possibilidade de uma abordagem, mesmo indireta, graças aos recursos tecnológicos contemporâneos. Uma e outra esbarram no obstáculo da falta de recurso financeiro. Limitação que se torna mais grave quando se considera a carência de fontes informativas sôbre faixas do 1º século de nossa história, justamente o mais desconhecido, o mais prejudicado em documentação autêntica.

Parece-nos evidente sua importância como elemento de informação e referências a orientar, ou talvez complementar, pesquisas embrionárias. Sobretudo em se tratando de atividades econômicas de tal importância e tão cedo organizadas.

Essa documentação foi examinada, na Europa, pelo prof. Carl Laga e foi objeto de excelente artigo publicado pela revista *Estudos Históricos* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (16).

O prof. Laga, ao que se saiba, foi quem, saindo do Brasil, realizou a primeira abordagem ao acêrvo doado pelo duque d'Ursel, publicando em seguida substancioso artigo sôbre o engenho São Jorge do Erasmos (17). Um só dos documentos analisados, seja o datado

(13). — Rodrigues (Maria Regina da Cunha). — *A documentação antuerpiana sôbre o Engenho São Jorge dos Erasmos e o Prof. Hermann Kellenbez*, in "Revista de História". São Paulo. XI (43), pp. 199-201. Juho-setembro de 1960.

(14). — Carta datada de Bruxelas, aos 20 de setembro de 1960.

(15). — "Conrado Schetz, barão de Hobboken, tomou em 1617 o nome e as armas ou braço dos Ursel, como sobrinho da última herdela dessa família, Bárbara Ursel (Ursel, cavaleiro e escabino de Antuérpia, que fôra desde o século XV).

Um de seus descendentes, *Conrado Ursel*, conde de Ursel, mestre de campo general dos exércitos do Rei da Espanha, coronel de um regimento de dragões e comandante de sua guarda montada, foi criado pelo Imperador Carlos V, a 19 de agosto de 1716, duque de Ursel e, a 24 de abril de 1717, duque de Hobboken. Grande veador, montelro-mor de Flandres, marechal hereditário do Brabante, governador de Namur, morreu no ano de 1738"

(in *Biographie générale des Belges*, 1º, p., 195).

(16). — Laga (Carl). — *O Engenho dos Erasmos em São Vicente: resultado de pesquisas em arquivos belgas*, in revista "Estudos Históricos". Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Marília. nº 1, junho de 1963. pp. 13-43.

(17). — *Ibidem*, pp. 20-24.

de 1579 e que instrumenta uma fatura de mercadoria enviada de Antuérpia para o Engenho dos Erasmos, via Lisboa, mostra a importância do estudo através da documentação localizada, e coloca-o entre os historiadores que ofereceram contribuição valiosa ao conhecimento desse Engenho de açúcar brasileiro. Uma outra consideração. Se o acervo documental, ou o que resta dêle, ainda tem informações nesta ou em faixas paralelas, nenhum esforço deve ser poupado a fim de serem obtidos microfílmes de todo o lote. Antes de uma tomada de conhecimento dos mesmos não se justificaria uma afirmação categórica, ainda mais quando se tem presente a prevalência de qualidade sobre a quantidade. Bastaria lembrar, quanto ao engenho dos Erasmos, a Casa dos Schetz, de Antuérpia, senhores do comércio do latão nos começos do século XVI (18), e proprietários do engenho vicentino, para sentir toda a importância da documentação. O fato da Casa de poderosos comerciantes flamengos, com sede no Centro bancário e de trocas mais importante da Europa, na ocasião da expansão do capitalismo mercantil no mundo, possuir um estabelecimento açucareiro no Brasil, além de outros tipos de relações econômico-financeiro, seria o bastante para justificar os esforços feitos para localização e conhecimento das informações relativas ao Brasil. Os modernos estudos da historiografia européia relativos ao comércio, carregamentos, comerciantes e trocas de produtos do século XVI, em geral, dos quais têm sido feito estudos e das publicações mais cuidadas e sérias (19), atestam, de sobejo a importância do tema. Pois, além do relacionamento entre a produção açucareira e outros produtos tropicais e sua comercialização na Europa, e sobretudo entrosamento com os grandes banqueiros e comerciantes flamengos, seria talvez o único caso de existência concreta de um estabelecimento quinhentista de uma dessas Casas no Brasil, com todas as perspectivas que tal fato comporta e tudo dentro da apaixonante conjuntura da época.

---

(18) . — Dias (Manuel Nunes) . — *O Capitalismo Monárquico Português (1415-1549)*. Coimbra, 1964, vol. II, p. 283.

(19) . — Mells (Federico) . — *Il commercio trasatlantico di una compagnia fiorentina stabilita Siviglia a pochi anni dalle imprese di Cortes e Pizarro*. Zaragoza, 1954.

Mollat (Michel) . — *Les affaires de Jacques Coeur*. Tomes I et II. École Pratique des Hautes Études. Librairie Armand Colin, Paris. 1952.

Heers (Jacques) . — *Le Livre de Comptes de Giovanni Piccamiglio, homme d'affaires Génois*. École Pratique des Hautes Études. S. E. V. P. E. N. Paris. 1959.

Marciani (Corrado) . — *Lettres de Change aux foires de Lanciano au XVIe siècle*. École Pratique des Hautes Études. S. E. V. P. E. N. Paris. 1962.

Ruiz Martin (F.) . — *Lettres marcandes échangées entre Florence et Medina del Campo*. École Pratique des Hautes Études. S. E. V. P. E. N. Paris, 1965.

Ehrenberg (R.) . — *Das Zeitalter der Fugger*. 2 volumes. Iena. 1896. Tradução francesa: "Le Siècle des Fugger". Paris. 1955.

Conseguir chegar ao lote doado pelo duque d'Ursel, aos arquivos reais da Bélgica, deveria ser um dos objetivos precípuos das Comissão responsável pelo problema da preservação do Engenho São Jorge dos Erasmos. Ainda mais quando se sabe que o Centro de Documentação Histórica, instalado no Departamento de História da Universidade de São Paulo e devidamente equipado com os recursos técnicos modernos, tem na sua direção o mesmo professor que preside a Comissão do Engenho. Com esta sugestão acreditamos haver chegando até onde nos foi possível.

Ainda um registro referente ao histórico sôbre a localização da documentação antuerpiana. Foi o prof. Sérgio Buarque de Hollanda quem, — informado, ao que se sabe, por Otto Maria Carpeaux da existência de documentos referentes ao *Lé Brésil — XVIème siècle* na biblioteca do Duque d'Ursel, em Antuérpia, — levantou o problema numa das reuniões da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Como não poderia deixar de ser, a proposta do professor catedrático de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo, foi unânime aprovada. Na oportunidade da viagem de um dos membros da Comissão à Europa, confiou-se-lhe a missão de entrar em contato com o Duque d'Ursel, tendo havido dificuldade na tentativa de aproximação. Algum tempo depois uma professora universitária, atendendo a uma solicitação do mesmo professor, comunicou-se com o Duque d'Ursel a fim de obter uma entrevista sôbre os documentos brasileiros. Respondeu-lhe o Duque d'Ursel excusando-se e alegando que sua biblioteca estava sendo reorganizada.

Foi ainda o nosso prof. Sérgio Buarque de Hollanda quem nos alertou sôbre a documentação, quando da publicação dos artigos transcritos em seguida, não só na concatenação das notas, como sugerindo que se renovassem as tentativas de um diálogo com o Duque d'Ursel.

Foi o que fêz a Reitoria da Universidade de São Paulo, pressionada pelo 4º distrito da DPHAN (20), frente ao problema de um orçamento das obras a ser executadas no engenho São Jorge dos Erasmos. Orçamento solicitado pela Associação dos Usineiros do Estado de São Paulo, que se mostrou disposta a financiar o empreendimento.

Sabe-se dos officios trocados com o Itamarati (21), mas desconhece-se resultados positivos.

---

(20). — Processo RUSP 3591-55, fls. 9 — 10 — 14 — 15. e Processo FFCL 251-55.

(21). — Processo RUSP 3591-55, fls. 2. — 13 — 56 — 90 — 165 — 166 — 167 — 172 — 177 — 184 — 207 — 210.

Por outro lado, em caráter particular e contando com os bons officios do Cônsul Geral da Bélgica nesta Capital, nosso saudoso amigo Sr. Maurício Weckx, escrevemos ao Duque d'Ursel obtendo Sr. Cônsul Weckx recebeu de seu colega brasileiro em Antuérpia, a resposta, autografada, que transcrevemos no devido lugar. Antes recebemos a notícia de que os:

“documento de interesse dos d'Ursel foram doados pelo atual Duque aos Arquivos do Reino da Bélgica. A zeladora dos papéis dos d'Ursel, Melle. Le Jour, declarou ao Vice-Cônsul Mesquita que êle só poderá compulsar os documentos pasado um período de seis meses no mínimo. O fichário referente aos arquivos mostra, no entanto, que quase todos os documentos dizem respeito a bens que Gaspar Schetz possuía no Brabante, no século XVI. Fomos informados de que o Professor de História da Universidade de Califórnia, Eugène Fluiter (Universidade da Califórnia, Berkeley, U.S.A.) procurou entre os papéis dos d'Ursel documentos que tratassem do Engenho dos Erasmos. Seria interessante dirigir-se a Senhora Maria Regina da Cunha Rodrigues diretamente a êsse Professor de História, que deve ter valiosas informações a respeito das relações dos Schetz com o Brasil” (22).

Esse officio, seguido de um outro, com os dados biográficos do 8º duque d'Ursel, que se transcreverá na íntegra, facultou pistas às pesquisas que estão sendo realizadas sob a direção do Prof. Hermann Kellembenz e às que foram publicadas pelo prof. pe. Carl Laga, em artigo recente, já mencionado.

Quanto à impossibilidade de uma abordagem direta à referida documentação, e tendo presente a advertência que nos fêz o nosso amigo Dr. Gil Methódio Maranhão, diretor do Museu do Açúcar de Recife, de que as pesquisas, as solicitações de qualquer espécie só se fazem nos centros culturais europeus mediante financiamento prévio, havendo de permeio entidades específicas encarregadas das negociações. Não estando ao nosso alcance tais possibilidades, demos por encerrada a 1.a etapa do nosso trabalho em relação à preservação das ruínas do engenho de São Jorge dos Erasmos.

Equivalem estas notas a uma prestação de contas tanto àquêles que nos ajudaram, como aos que nos combateram. Êstes chegaram até a “atestar” a inexistência das ruínas do engenho São Jorge dos Erasmos e da documentação antuerpiana. Talvez pelo fato de tudo haver sido feito para preservar as ruínas do vandalismo de certos visitantes bem caracterizados, guardou-se segredo do sítio até que as



venerandas ruínas, hoje Monumento Nacional, pudessem ter, um guarda-zelador, que lá está, assim como a seta indicativa, na estrada velha que liga Santos-São Vicente, precisamente na altura do nº 628 da Avenida Nossa Senhora de Fátima, um pouco antes do cemitério da Areia-Branca.

\*

\*        \*

Não se pode precisar a quem cabe a prioridade de haver alertado as autoridades, se aos historiaodres, se às entidades de classe sôbre o problema das ruínas do engenho dos Erasmos. Parece ponto pacífico que o processo de identificação pelo 4º distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, assim como a imediata receptividade, tanto do proprietário da área onde se acham encravadas as ruínas, como dos usineiros paulistas, tiveram como ponto de partida os nossos artigos publicados no *O Estado de São Paulo*.

Em se tratando de pesquisa de uma então sua aluna, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, passou a movimentar a idéia. E o fêz nomeando uma comissão provisória ,oficiando ao então proprietário das ruínas e aos usineiros paulistas. Ao mesmo tempo que, hierarquicamente, comunicou e obteve da Reitoria da Universidade de São Paulo, que desse início a gestões junto ao 4º distrito da DPHAN para o agenciamento técnico dos “restos” do engenho São Jorge dos Erasmos. Igualmente a Reitoria oficiou ao Ministério das Relações Exteriores para uma eventual localização e possível abordagem da documentação antuerpiana referente ao imóvel focado. Em consequência, as providências passaram a ser tratadas em setores diferentes pela própria natureza dos assuntos .Concretamente o processo de doação consolidou-se com a cerimônia da lavratura da escritura que teve lugar na Câmara Municipal de Santos, aos 31 de janeiro de 1958. A outro setor coube a problemática documentação antuerpiana, já localizada, apalpada, mas de conteúdo ainda enigmático.

— E a preservação das venerandas ruínas?

Havia sômente um meio de torná-las intocáveis, amparadas pela força da lei vigente, isto é, catalogá-las como um Monumento Nacional. Foi o que se fêz, através de um processo de Tombamento que teve seu término aos 20 de junho de 1963. Ocasão em que, por decisão unânime do Conselho Consultivo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério de Educação e Cul-

tura (23), o engenho dos Erasmos foi inscrito no Livro do Tombo, instituído pelo Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

Mas havia uma espécie de espada da Dâmocles. No caso, uma das cláusulas da escritura de doação, devidamente endossada pela Universidade de São Paulo e que preceitua o que se segue:

“... assinando a donatária, Universidade de São Paulo, a responsabilidade de conservar aquelas ruínas contra a ação do tempo, erosão, etc., obrigando-se a construir um edifício no local da sede do Engenho Antigo, destinado a uma escola, museu ou outra finalidade, sempre nos termos e condições propostos por eles doadores e donatária, isto é, para perpetuar a incitativa da primeira indústria instalada no Brasil e quiçá na América do Sul, condição que deverá ser cumprida pela donatária dentro de cinco anos da data da presente escritura. No caso de não ser construído o prédio e que as ruínas permaneçam no estado atual, ficará revogada e sem nenhum efeito a presente doação, revertendo o imóvel a eles ortorgantes doadores, sem direito da donatária a qualquer indenização ou retenção do imóvel”. (Escritura pública da doação — Livro de notas nº 231 — Fôlha 147 — Cartório de Roberto Carvalho — 3º Tabelião de notas — Comarca de Santos — Santos — São Paulo (Data: 31 de janeiro de 1958 — 1º traslado).

Estava a findar o ano de 1962, o 4º após a doação oficial do engenho à Universidade de São Paulo e as venerandas ruínas permaneciam tal qual estavam no momento de sua redescoberta. Movimentaram-se aqueles que sempre se preocuparam com o problema e o resultado foi positivo, pois foi assinado um Convênio (24) entre o 4º distrito de DPHAN e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no sentido de ser iniciados os trabalhos de campo, mediante um plano orçamentário pré-estabelecido. Enquanto se aguardava a liberação da verba destinada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Associação dos Usineiros Paulistas, solicitada, facultou meios para as despesas iniciais.

Durante dois anos as obras puderam prosseguir, com resultados os mais promissores, tanto no sentido de comprovar a tese do chefe do 4º distrito de DPHAN, já mencionada, quanto à prioridade vicentina na produção industrial do açúcar no Brasil — e talvez na América — como também pelo emocionante encôntro de formas de pães

---

(23) . — Processo FFCL251-55. Ofício datado de Antuérpia, aos 6 de novembro de 1956, oriundo do Cônsul de Portugal ao Diretor da FFCL da USP. Quando ao Prof. Eugene Fluiter, reiteradas tentativas de contacto, tanto directamente como por intermédio do Consulado Geral Norte-Americano de São Paulo, resultaram inúteis.

(24) . — Processo RUSP 3591-55, fls. 178 — 179 — 180 — 181 — 182 — 183 — 189 — 205 e 206.

de açúcar, muito provavelmente às únicas peças existentes de que se têm notícia.

Mas muito ainda resta a fazer. O relatório, que também anexamos cópia, do chefe do 4º distrito da DPHAN, apesar do técnico e sumário, é bastante elucidativo.

\*

\*            \*

Compreende-se que as obras não puderiam continuar sem financiamento. Desgraçadamente a verba que deveria continuar a ser destinada ao engenho dos Erasmos foi tragada pela engrenagem do corte de despesas do orçamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Do outro lado, face ao problema da lavratura da escritura definitiva do terreno doado e também valendo-se de um pedido de informação a respeito de notícia vinculada por um periódico desta Capital, a Comissão oficiou ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, pedindo-lhe urgentes providências. O encaminhamento dêsse relatório coincide com o encaminhamento destas notas, prestação de contas sôbre a situação atual do Engenho São Jorge dos Erasmos, às quais se anexará parte dos ofícios e das notícias tramitadas até então, de acôrdo com o seguinte plano:

I. — Ofício datado de 9 de março de 1967 do presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos, ao diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

II. — Relatório datado de 14 de março de 1966 do chefe do 4º distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional do Ministério da Educação e Cultura, ao presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos.

III. — Levantamento, prévio, das fontes informativas sôbre o engenho São Jorge dos Erasmos e seus primeiros proprietários.

IV. — Histórico das investigações e processos relativos ao Engenho São Jorge dos Erasmos:

- a) primeiros artigos;
- b) primeiras providências;
- c) Doação à Universidade de São Paulo;
- d) Convênio entre a FFCL da USP e o 4º distrito da DPHAN-MEC.
- e) Monumento Nacional.

V. — Conclusões.

\*  
\*

- I. — *Ofício datado de 9 de março de 1967 do presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos, ao diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.*

São Paulo, 9 de março de 1967.

Exmo. Sr. Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri.

M. D. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Cordiais saudações.

Em relação ao ofício n.º 555 do Diretor Geral do Departamento de Administração da Reitoria da Universidade de São Paulo, que me foi encaminhado em 3 de fevereiro do corrente, cumpre-me esclarecer o seguinte:

1. — O Sr. Otávio Ribeiro de Araújo, proprietário do Sítio São Jorge, constituído na quase totalidade do loteamento da “Vila Santa Terezinha”, aprovado na Prefeitura Municipal de Santos, conforme processo 8486-55, loteamento que confronta com a área do terreno onde se encontram as ruínas quinhentistas do Engenho São Jorge dos Erasmos, por êle doadas à Universidade de São Paulo, em escritura pública lavrada aos 31 de janeiro de 1958, cujo traslado se encontra no processo RUSP 3591-55 (fls. 147-149 v.), por mim procurado, declarou-me estar sendo extremamente prejudicado no tocante ao pagamento dos impostos da área acima mencionada, pelo fato de não haver sido passada a escritura definitiva do Sítio do Engenho dos Erasmos que ocupa precisamente uma área de 3.250,30 metros quadrados. E essa escritura vincula-se a uma das cláusulas propostas e assumida a responsabilidade pela Universidade de São Paulo, na pessoa do seu então Reitor, isto é:

“... a responsabilidade de conservar aquelas ruínas contra a ação do tempo, erosão, etc., obrigando-se a construir um edifício no local da sede do Engenho Antigo, destinado à escola, museu ou outra finalidade...” (fls. 3 do traslado e fls. 149 do Processo RUSP 3591-55).

Como se esclarecerá em seguida, a primeira parte do contrato foi cumprida, pois, graças ao Convênio estabelecido aos 20 de dezembro de 1960 entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e o 4.º Distrito do DPHAN-MEC (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério de Educação e Cultura) (fls. 199 e 200 do Processo RUSP 3591-55) as venerandas ruínas do primeiro engenho de açúcar brasileiro estão devidamente protegidas contra a ação do tempo e de outros elementos.

O problema colocado pelo Sr. Otávio Ribeiro de Araújo prende-se à posição da Universidade de São Paulo, frente à doação que lhe foi feita há nove anos passados: que tanto poderia ser de desinteresse consumado ou de disponibilidade para a reabertura de um diálogo que facultasse a lavratura da escritura defi-

nitiva. Um pedido apenas: que lhe seja dado ciência da solução equacionada por quem de direito, com a urgência que o problema acima exposto requer.

Ainda, com a magnanimidade que o individualiza, declarou que abria mão de todos os impostos pagos até a presente data. Na hipótese, que se espera, da lavratura da escritura definitiva, sugeriu o Cartório do 8.º Ofício, sito à rua XV de Novembro, em Santos, onde foi lavrada a escritura provisória. Sugerindo ainda, que os interessados procurassem estabelecer contacto com o Sr. José Roberto, no mesmo Cartório.

2. — Quanto à notícia veiculada no periódico desta Capital: “Fôlha de São Paulo”, em sua edição de 16 de janeiro do corrente ano, sob o título: “Engenho contra o tempo”, disse lamentar que o repórter não se tivesse informado melhor, pois há um trabalho com resultados positivos, já iniciado pela Universidade, que mereceria uma autêntica divulgação.

Cumpre-me esclarecer, e o faço prazerosamente, que o resultado mencionado representa uma parcela modesta, não resta dúvida, dos trabalhos realizados pela Comissão nomeada por V. Excia., aos 9 de fevereiro de 1962 e que, em linhas gerais, são os que se seguem:

a). — Conseguiu-se que o Engenho São Jorge dos Erasmos fôsse tombado pelo DPHAN-MEC mediante um processo que terminou com sua inscrição no Livro do Tombo, aos 26 de junho de 1963 (Processo RUSP, fls. 206). Hoje, catalogado como Monumento Nacional tem sua preservação assegurada pelo Decreto-Lei n.º 25 de 30 de novembro de 1937.

b). — Efetivou-se um Convênio entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e o 4.º Distrito da DPHAN-MEC (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico) (fls. 199-200) no sentido de ser possibilitada a abordagem da cláusula contratual acima transcrita. Para início das obras obteve-se da Reitoria da Universidade uma verba bi-anual de Cr\$ 2.000,00 (dois milhões de cruzeiros velhos) que somada à doação de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros velhos), feita pela Associação dos Usineiros de São Paulo (Processo RUSP fls. 207) perfaz o total de Cr\$ 4.400.000,00 (quatro milhões e quatrocentos mil cruzeiros velhos).

Com êsse numerário, acrescidos os juros de Cr\$ 98.844,00 (noventa e oito mil, oitocentos e quarenta e quatro cruzeiros velhos), tiveram início os trabalhos de campo que, com base na prestação de contas do 4.º Distrito do DPHAN resumem-se no seguinte:

I. — Limpeza e desentulho. Foi feita uma limpeza preliminar a fim de expôr as ruínas existentes à observação e interpretação. Foi também roçada toda a área doada à Universidade de São Paulo.

II. — “Na parte dos fundos, mais conservada”, — é o próprio chefe do 4º Distrito quem esclarece — “aproveitando três paredes contíguas e uma coluna, os seguros indícios de partes já ruínas, foi restabelecida uma faixa do telhado, para que fôsem interpretadas as marcas encontradas nas paredes e na coluna central”. E depois de considerações de ordem técnica, continua: “O total do telhado recomposto, cêrca de 300 m2, cobre uma área de 200 m2 úteis, os demais estando sôbre as paredes e fazendo os beirais. Há que descontar também o relativo à declividade de cobertura. “Quanto à conservação, informa”. A fim de desenhar a planta baixa da construção com o desentulho das partes soterradas, foram iniciados os trabalhos de excavações a partir da parte fronteira ao edifício”.

Até o momento essas excavações evidenciaram:

a). — “a solução de acesso e fachada principal. Ficou evidente uma solução de plataformas sucessivas para vencer a diferença de nível entre a baixada geral e o ponto do aclive onde está sentado o edifício. Com tais elementos se pode adiantar que este projeto obedecia à tradição dos engenhos das ilhas açoreanas e a um tipo de produção de porte reduzido. Toda a instalação estaria disposta sob um mesmo teto segundo um partido aglutinado. A solução de pátio aberto, com um edifício para cada função, é posterior e parece invenção do ciclo nordestino do açúcar”.

E transcendendo o sentido prioritário das ruínas em foco, argumenta:

“Não existindo nos Açores e nem em regiões que antecederam aos Açores na cultura da cana melíca e na produção da açúcar, Algarve, Sicília, Creta, Oriente-Médio, Egito — ao que se saiba, nenhum “resto” identificado de antigo engenho de açúcar, as ruínas em pauta, constituem o exemplar mais antigo já identificado. Tal circunstância aumenta o valor já excepcional desse monumento”.

Há ainda um outro resultado que pode ser considerado de inexcusável relevância por se tratar, possivelmente, de peças únicas, no gênero: o encontro de pães de açúcar, hoje custodiadas pelo 4.º distrito da DPHAN-MEC. Aconteceu que:

“... imediatamente junto à parede da fachada principal foi encontrado um fosso de cerca de 4 m x 2 m x 2 m de profundidade, esquadriado e revestido. Uma espécie de enxovia, depósito ou esconderijo. Estava completamente atulhado. Encontrou-se a meia profundidade uma camada de cinzas misturadas com terra, o que sugere seja este entulhamento posterior ao incêndio ali havido no início do século XVII; ou mesmo consequência deste incêndio. Neste caso as formas de pão de açúcar, quase intactas, encontradas abaixo desta camada seriam exemplares únicos do fim do primeiro século”.

Todavia, esse trabalho de excavação está paralisado por falta de numerário, pois a verba destinada pela Reitoria da Universidade de São Paulo serviu apenas para manter um operário e assim mesmo até janeiro de 1966.

Não se conseguindo nenhuma prorrogação e nem mesmo um pequeno adiantamento, recorreu-se aos bons ofícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que em caráter provisório facultou um auxílio destinado ao pagamento de um guarda-zelador, com bases no salário mínimo, pelo prazo de 12 meses. Esse auxílio já chegou ao término neste mês.

Assim sendo, a Comissão Especial do Engenho dos Erasmos, assessorada pelo 4.º Distrito da DPHAN-MEC acha-se inoperante, sem recursos materiais para resolver o problema, ou melhor os problemas abaixo enumerados:

- a). — prosseguir nas excavações;
- b). — receber ou adquirir um terreno contíguo onde pudesse construir uma casa para o zelador que, provisoriamente poderia servir também de local de base de estudos;
- c). — proteção da superfície exposta do solo com um gramado;
- d). — ligação de energia elétrica;
- e). — abastecimento de água;
- f). — remate da parte coberta com a construção de plataforma.

Cumpre considerar que a estimativa geral de gastos para os itens acima enumerados, foram avaliados em cêrca de NCr\$ 9.650,00 (nove mil e seiscentos cruzeiros novos) em 14 de janeiro de 1966. Evidentemente tal cifra deverá ser reajustada.

Nó momento, visando impedir a reversão do imóvel aos seus doadores, duas sugestões se recomendam com a urgência que o próprio problema justifica:

- 1.º — Que se regularize a situação do imóvel, com o seu processamento em se passar a escritura definitiva do Engenho São Jorge dos Erasmos, dando-se ciência ao Sr. Otávio Ribeiro de Araújo de decisão tomada;
- 2.º — Que se contrate ou mesmo designe um guarda-zelador para o Monumento Nacional, com exercício do fim do último salário recebido, a fim de que as obras iniciadas pelo 4.º Distrito do DPHAN-MEC tenham prosseguimento.
- 3.º — Que se retomem as obras programadas, destinando-se verbas substanciais para tal fim.

Esperando ter satisfeito o pedido de informações, agradeço antecipadamente tôdas as providências que venham a ser tomadas em face das sugestões apresentadas.

Atenciosamente,

a) *Eurípedes Simões de Paula*,  
Presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos (35).

\*

\* \*

- II. — *Relatório datado de 14 de janeiro de 1966 do chefe do 4.º distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Educação e Cultura ao presidente da Comissão Especial do Engenho de São Jorge dos Erasmos.*

#### MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

D.P.H.A.N.

4.º Distrito

Of. 3-66

São Paulo, 14 de janeiro de 1966

Do Chefe do 4.º Distrito

Ao senhor Presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos.

- (35). — A Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos nomeada pelo Prof. Mário Guimarães Ferri, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, está constituída pelos Professores: Eurípedes Simões de Paula, (Catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval da USP.), Ary França (Catedrático de Geografia Humana da USP.), José Ribeiro de Araújo Filho (Livre-docente de Geografia do Brasil da USP.) e Maria Regina da Cunha Rodrigues (Instrutora de História da Civilização Ibérica da USP.).

Assunto: envia relatório.  
Senhor Presidente.

Enviando anexo um relatório sobre os trabalhos executados nas ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, de acordo com o convênio celebrado entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e este 4.º Distrito, cabe a esta encarregar a urgência da matéria mencionada no item c da alínea 4 do capítulo 2. Em fevereiro próximo estará exaurida a disponibilidade financeira posta à disposição deste Distrito. Será indispensável providenciar, no mínimo, um guarda.

Atenciosamente,

a) Luiz Saia  
Chefe do 4.º Distrito  
D.P.H.A.N.

Ao senhor

prof. Eurípedes Simões de Paula,

DD. Presidente da Comissão Especial do Engenho São Jorge dos Erasmos.

\* \*

Relatório dos trabalhos executados nos “restos” do Engenho São Jorge dos Erasmos, no município de Santos, ilha de Santos, de propriedade da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sob a orientação do 4.º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de acordo com os termos de convênio estabelecido entre o mencionado 4.º Distrito da DPHAN e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

1 — Restos.

Nos terrenos doados à Universidade de São Paulo se encontram os “restos” do Engenho São Jorge dos Erasmos, de primeiro chamado do Governador e depois São Jorge dos Erasmos. Para a identificação dos mesmos foram computados, além das indicações bibliográficas, os seguintes itens:

- a. — localização geográfica e topográfica, ao pé do morro Nova Cintra, em local estratégico para receber as águas da vertente norte daquele morro da ilha de Santos. Deve-se lembrar que o engenho mandado construir por Martim Afonso de Souza era do tipo que depois se chamou real, movido a água. Até poucos anos atrás se percebia na vertente norte desse morro, numa diretriz ligando a cachoeira existente e o local do engenho, uma linha de vegetação mais escura que acompanhava o canal que trazia a água até o engenho. Com o deslizamento havido tal indício teria desaparecido por completo. Outro elemento que contribuiu para identificar as ruínas em pauta foi a sobrevivência, no local, do nome popular de Erasmos. Numa das pedras do embasamento da construção ainda foram encontradas marcas de uma placa que aí teria sido fixada, por indústria do pintor Benedito Calixto, rememorando os fastos da produção inaugural do açúcar em São Vicente.



Dessa época devem datar as fotos antigas que ainda mostram parte da cobertura. Tais fotos pertencem ao I.H.G. de Santos. A cobertura aí mostrada data plausivelmente da reforma realizada em consequência do incêndio que alcançou este engenho no começo do século XVII.

- b. — os “restos” encontrados constam de umas paredes, uma coluna, alicerces e a definição topográfica do local, parcialmente desfigurada pelo entulho conseqüente das paredes ruídas. Em dois pontos os restos de paredes formavam um agenciamento identificável na parte posterior da construção era ainda visível um oitão bem desenhado e, contíguas, as paredes laterais com as respectivas envasaduras. No alinhamento destas paredes laterais, os alicerces documentam a disposição geral da construção e seu travamento funcional com as demais ruínas, inclusive com as ruínas de um compartimento perfeitamente definido, cuja posição e disposição indicam fôsse a capela do engenho. Fora do perímetro da construção o entulho das paredes ruídas encobriam as soluções de acesso e de arranjo das imediações do edificio. Junto às paredes do fundo, uma coluna perfeitamente conservada marcava o pé direito mais elevado, na cumieira do telhado, confirmando aquela cota marcada pela empena da parede do fundo.

## 2 — *Trabalhos realizados sob a direção do 4.º Distrito.*

Foram postos à disposição do 4.º Distrito quatro milhões e quatrocentos mil cruzeiros, os quais foram acrescidos de noventa e oito mil oitocentos e quarenta e quatro cruzeiros de juros.

Com tal numerário foram realizados os trabalhos em seguida especificados, de acôrdo com prestações de contas feitas a partir de janeiro de 1963. A saber:

1. — limpeza e desentulho. Foi feita uma limpeza preliminar a fim de expor as ruínas existentes à observação e interpretação, bem assim roçada tóda a área rcebida pela Universidade.
2. — Na parte dos fundos da ruína, mais conservada, aproveitando três paredes contíguas e uma coluna, e os seguros indícios de partes já ruídas, foi restabelecida uma faixa do telhado, para o que foram interpretadas as marcas encontradas nas paredes e na coluna central, bem assim a documentação iconográfica pertencente ao I.H.G. de Santos. Conforme se pode observar, nas fotografias que acompanham este relatório, não foi necessário sequer completar nível das paredes que receberam este telhado, posto que nos devidos lugares se encontrou até a marca das bitolas das peças de madeira antigamente utilizada. Esta recomposição do telhado encaminhou a observação para o inadequado do recheio que certos vãos apresentavam, pelo que se determinou a sua remoção, limpando assim o desenho e a junção das diferentes partes encontradas. Ainda em função desta recomposição do telhado se verificou a conveniência de pesquisar a existência de colunas que serviriam de suporte para um necessário prolongamento da cobertura. Realmente foram encontrados alicerces de colunas e marcas de muretas que limitavam a área construída. Refeita esta parte e coberta a mesma a configuração do telhado se mostrou completa e satisfatória.

O total do telhado recomposto, cêrca de 300 metros quadrados, cobre uma área de cêrca de 200 metros quadrados úteis, o demais estando sôbre as paredes e fazendo os beirais. Há que descontar também o relativo à declividade da cobertura.

3. — Nesta parte coberta falta ainda restabelecer uma plataforma disposta a meia altura, para o que já existe madeira da estrutura, faltando apenas madeira do soalho e escada de acesso.
4. — A fim de “desenhar” a planta baixa da construção com o desentulho das partes soterradas, foram iniciados os trabalhos de excavação a partir da parte fronteira do edifício. Até o momento essas excavações evidenciaram:
  - a). — solução do acesso e fachada principal. Ficou evidente uma solução de plataformas sucessivas para vencer a diferença de nível entre a baixada geral e o ponto do aclive onde está assentado o edifício. Restos de colunas evidenciaram uma solução de acesso apendrado para a residência do engenho. Com tais elementos se pode adiantar que êste projeto obedecia à tradição dos engenhos das ilhas açoreanas e a um tipo de produção de porte reduzido. Tôda a instalação estaria disposta sob um mesmo teto, segundo um partido aglutinado. A solução de partido aberto, com um edifício para cada função, é posterior e parece invenção do ciclo nordestino do açúcar, onde se inaugurou uma produção volumosa em escala internacional e capitalista. Não existindo nos Açores e nem nas regiões que antecederam aos Açores no cultivo da cana mélica e na produção do açúcar — Algarves, Sicília, Creta, Oriente Médio, Egipto — ao que se sabe, nenhum “resto” identificado de antigo engenho de açúcar, as ruínas em pauta constituem o exemplar mais antigo já identificado. Tal circunstância aumenta o valor já excepcional dêste monumento. Lembrar a forma porque foi fundado êste engenho, com a formação de uma sociedade chamada dos Armadores do Trato, e a importância que a produção nacional do açúcar assumiu na formação tipo industrial e colonial dos bens de consumo, corresponde a associar êste “resto” ao nascimento do capitalismo moderno. Por tais títulos, estas ruínas merecem uma atenção especial;
  - b). — imediatamente junto à parede da fachada principal foi encontrado um fôso de cêrca de 4mX2mX2m de profundidade, esquadriado e revestido. Uma espécie de enxovia, depósito ou esconderijo. Estava completamente entulhado. Se encontrou a meia profundidade uma camada de cinzas misturada na terra, o que sugere seja êste entulhamento posterior ao incêndio aí havido no início do século XVII; ou mesmo consequência dêste incêndio. Neste caso, as formas de pão de açúcar encontradas abaixo desta camada seriam exemplares do fim do primeiro século.
  - c). — durante os meses de janeiro e fevereiro de 1966 as excavações prosseguirão com um operário apenas, uma vez que o numerário disponível está se esgotando e se esgotará completamente até o fim de fevereiro.

3. — *Problemas a resolver e prosseguimento dos trabalhos.*

A proteção e aproveitamento das ruínas do engenho São Jorge dos Erasmos apresenta alguns problemas, em seguida enumerados:

- a. — prosseguir nas escavações;
- b. — ganhar um terreno contíguo e construir uma casa de zelador;
- c. — proteção da superfície exposta do solo com gramado;
- d. — ligação de energia elétrica;
- e. — abastecimento de água;
- f. — remate da parte coberta com a construção de plataforma.

a. — Prosseguir nas escavações...

Os trabalhos de escavação e limpeza da área convém sejam prosseguidos até pôr a descoberto todos os restos de alicerces. O nível do solo deve ser regularizado num ponto abaixo do nível das ruínas, salvo em pontos onde estas estiverem muito profundas, caso em que se fará uma escavação mais profunda e um dispositivo para escoamento de águas pluviais. Na área envoltória deve ser retirado todo o entulho até alcançar o nível primitivo.

Estimativa de gastos para êste item.

Dois operários trabalhando durante dois meses .....	1.200.000
Gastos com transporte e eventuais .....	100.000

Cr\$ 1.300.000

b. — Terreno e casa de zelador.

Esta chefia do 4.º Distrito realizou gestões a fim de obter uma área complementar indispensável para localizar a casa de zelador dêste monumento, pôsto que na área já doada não existem condições para fazê-lo sem prejuízo inaceitável. A fim de ilustrar a situação, cabe a esta chefia mencionar problema equivalente que enfrentou no monumento sítio Santo Antônio, em São Roque, no qual a área envoltória dos monumentos (casa e capela) era por demais exígua. Foi obtida da Prefeitura de São Roque promovesse a desapropriação de uma área complementar e o numrário correspondente com uma grande firma de São Paulo. O negócio se realizou em têrmos amigáveis, o proprietário recebendo o pagamento e "doando" a citada área complementar.

Êsse esquema, ou outro equivalente, poderia ser repetido, se não houver outra possibilidade de ganhar uma área contígua ao monumento e que esteja em condições de receber a construção de uma casa de zelador. Um projeto para esta casa do zelador já foi elaborado por êste 4.º Distrito.

Estimativa para apropriação do terreno e construção de casa de zelador .....	Cr\$ 5.000.000
--	----------------

c. — Proteção da superfície exposta...

Parece indispensável proteger a superfície exposta do solo, no interior das ruínas e na área envoltória. Isso evita o arrastamento da terra pela ação das enxurradas e assegura o nível estabelecido, limpo e regular. Além disso, é uma solução econômica.

Estimativa para um gramado de cêrca de 4.000m2 .....	Cr\$ 2.000.000
--	----------------

Parece possível, e conveniente, tentar a obtenção dêste serviço com a Prefeitura de Santos, que possui para tal de um serviço especializado.

d-e. — A ligação da energia elétrica e uma regularização do abastecimento de água atualmente feito em regime precário, constituem serviços indispensáveis.

Estimativa .....	Cr\$ 1.000.000
------------------	----------------

f. — Remate da parte coberta com a construção de plataforma.

A construção dessa plataforma tipo mezanine parece altamente conveniente: está claramente indicada nas ruínas e para sua execução já se possui boa parte da madeira necessária. Constituiria um excelente depósito para colocação de peças museáveis.

Estimativa:

madeira a adquirir: 40m2 de tabuado .....	200.000
mão-de-obra .....	50.000
	<hr/>
	Cr\$ 250.000

Estimativa geral para completar as obras:

a .....	1.300.000
b .....	5.000.000
c .....	2.000.000
d e c .....	1.000.000
f .....	250.000
Total geral .....	Cr\$ 9.550.000

Além das sugestões acima indicadas acredita esta chefia que seria de todo conveniente providenciar desde logo um guarda para o monumento. Até agora êsse problema ficou resolvido com o próprio guarda da obra. Uma vez terminada esta o problema vai ressurgir e como o processo provavelmente seja moroso, seria de bom alvitre encaminhar uma solução desde logo para que no momento oportuno não seja a mesma tomada de afogadilho.

O presente relatório é acompanhado por um caderno de fotografias documentárias das obras, no qual esta chefia pede sejam anotadas aquelas que possam porventura interessar para o mesmo fim, devolvendo-o em seguida. Esta chefia terá prazer em mandar executar cópias que serão cedidas a essa comissão.

Atenciosamente,

a) Luís Saia

Chefe do 4.º Distrito

D.P.H.A.N.

\*  
\*                      \*

III. — *Levantamento, prévio, das fontes informativas sobre o engenho São Jorge dos Erasmos e seus primeiros proprietários.*

ABREU (Capistrano de). — *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, 4.ª edição revista e anotada por José Honório Rodrigues, 1954.

- ALMEIDA (Antônio Raposo de). — *Genealogia do Cel. Antônio Raposo de Almeida, casado com d. Etelvina Nogueira, moradores em Santos. Livro Manuscrito* (28).
- ANCHIETA S. J. (Padre José de). — *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões* (1554-1594). Rio de Janeiro, vol. III. Publicação da Academia Brasileira de Letras, 1933.
- ARAUJO FILHO (José Ribeiro de). — *4º Centenário da escritura do Engenho do São Jorge dos Erasmos*, in "Revista de História". São Paulo, XVII (35), julho-setembro, 1958.
- ARCINIEGAS (Hermán). — *Los alemanes en la conquista de América*. Buenos Aires, Losada, S. A., 1941.
- AUTOS da ação de demarcação do imóvel "São Jorge" em que é promovente Edgard de Toledo e promovido Joaquim Antunes de Nascimento e outros (29).
- BÉLGICA (Arquivos Reais do Reino da). — *Acervo documental legado pelo atual Duque d'Ursel, descendente de Erasmo Schetz*.
- CALMON (Pedro). — *História do Brasil*. São Paulo, Companhia Editôra Nacional. Brasileira, 1939.
- CARANDE (Ramon). — *Carlos V y sus Banqueros*. Madrid, Sociedad de Estudios y Publicaciones, MCMXLIX.
- CARDIM (Fernão). — *Tratado da terra e da gente do Brasil*. (Notas de Batis-ta Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia). São Paulo, Companhia Editôra Nacional. Brasileira, 1939.
- CORDEIRO (José Pedro Leite). — *O engenho São Jorge dos Erasmos*. São Paulo, 1945.
- DEUS (Frei Gaspar de Madre de). — *Memórias para a história da Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo, do Estado do Brasil, publicada de ordem da Academia Real de Sciencias por E. Gaspar de Madre de Deos, Monge Beneditino e correspondente da mesma Academia*. Lisboa, na Typographia da Academia com licença de S. Magestade, 1797.
- DENUCE (J.). — *Brésil et Belgique: relations économiques au XVIème et XVIIème siècles*.
- DIAS (Carlos Malheiros) (Direção e Coordenação). — *História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Edição monumental comemorativa do 1º centenário da Independência do Brasil. Vol. III. Pôrto, Litografia Nacional, MCM XXIV.
- DOAÇÃO à Universidade: *Engenho dos Erasmos, o 1º montado no País*, in "O Estado de São Paulo", São Paulo, 15 de dezembro de 1957.

---

(28). — Livro Manuscrito, pertencente à família Raposo de Almeida, cujo ascendentes, consta que remontam aos primeiros lavradores vicentinos, que forneciam "canas doces" para o Engenho São Jorge dos Erasmos. Os Raposo de Almeida residem em Santos, à Avenida Vicente de Carvalho, nº 12 andar. Edifício Santa Fé.

(29). — Trata-se de 4 alentados volumes, com cerca de 1450 páginas, sem contar os croquis, mapas e fotografias. Encontravam-se quando foram vistoriados por nós e, em parte, microfilmados, no escritório de peritagem do Sr. J. E. Saltini, em Santos, à rua Vasconcelos Tavares, 31 — 3º andar, conjunto 302.

- DOAÇÃO à Universidade — *Engenho São Jorge dos Erasmos*, in "A GAZETA", São Paulo, 29 de janeiro de 1958.
- DONNET (Fernand). — *Notice historique et statistique sur le raffinage et les raffineries de sucre à Anvers*. Anvers, J. F. Engels. 1892.
- DRUMOND (Antônio Augusto Menezes de). — *O mais antigo engenho brasileiro*, in "Dom Casmurro", São Paulo.
- DUMONT. — *Fragments Genealogiques*. Tome I. Gand, 1862.
- EHRENBERG (Dr. Richard). — *Das Zeitalter des Függer*. Iena, I, vol. 1896.
- ENGENHO CONTRA O TEMPO, in Fôlha de São Paulo, São Paulo, 16 de janeiro de 1967.
- ENGENHO QUINHENTISTA deve chamar turistas in Fôlha de São Paulo, 14 de de 1967.
- ENGENHO São Jorge dos Erasmos deverá voltar a funcionar como há 25 anos atrás, in "Fôlha da Manhã", São Paulo.
- ENGENHO São Jorge dos Erasmos servirá para pesquisas universitárias, in "A Tribuna", Santos, 15 de setembro de 1963.
- FELIZ resultado de uma pesquisa histórica: escritura do engenho São Jorge dos Erasmos, in "Correio Paulistano", São Paulo, 7 de fevereiro de 1958.
- FRANCO (Francisco de Assis Carvalho). — *Capitães — mores vicentinos*, in "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", São Paulo, LXV, 1940.
- FREIRE, A. Braamcamp. — *Cartes de quitação del rei D. Manuel*. Lisboa, Arquivo Histórico Português, vol. I.
- FRUTUOSO (Gaspar). — *As saudades da terra*. (Anotações do historiador português Alvaro Rodrigues de Azevedo).
- FURTADO (Alcebiades). — *Os Schetz da Capitania de São Vicente*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo." São Paulo, XVIII, 1913.  
*Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro, XIV, 1914.
- GALANTI (Rafael). — *História do Brasil*. São Paulo, Duyviat, 1911/1915.
- GANDAVO (Pero de Magalhães). — I. *Tratado da Terra do Brasil*. II — *História da Província de Santa Cruz*. "Anuário do Brasil." Rio de Janeiro, 1924.
- GORIS (J. A.). — *Études sur les colonies meridinales à Anvers, de 1488 a 1567*. (Tese apresentada à Universidade de Louvain. Louvain, 1925). 303.
- HERING (Ernesto). — *Los Fucar* — (Versión de Rodolfo Selke, México, Fondo de Cultura Económica, 1944.
- KELLENBENZ (Herman). — *As relações econômicas entre a Alemanha e o Brasil na época colonial* (Conferência inédita).  
— *Sociedade Hans Staden*, São Paulo, 22 de setembro de 1959.  
— *Relações do Brasil com a Europa*, in "O Estado de São Paulo", 27 de setembro de 1959.
- KNIVET (Anthony). — *Varia fortuna e estranhos fados de Anthony. Knivet que foi com Tomás Cavendish em sua segunda viagem para o mar do Sul no ano de 1591*. (Trad. de Guiomar Carvalho Franco), São Paulo, Companhia Editora Nacional (Brasileira), 1947.

- LAGA (Carl). — *O Engenho dos Erasmos em São Vicente; resultados de pesquisas em Arquivos belgas*, in "Estudos Históricos", Marília, 1 (1), 1963.
- LEITE S. J. (Pe. Serafim). — *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, Livraria Portuguesa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938-1950.
- LEME (Pedro Taques de Almeida Paes). — *História da Capitania de São Vicente, desde sua função por Martim Afonso de Souza em 1531 escrita por Pedro Taques de Almeida Pais Leme, em 1722*, (in) "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Rio de Janeiro, IX, 1869.
- LOUNT, (A.) — *Gaspar Schetz, Seigneur de Grobbendonck, Facteur du roi d'Espagne, à Anvers, 1555-1561* (in) "Annales du Congrès d'Anvers", 1930. Antuérpia.
- MAGALHÃES (Basílio de) *O açúcar nos primórdios do Brasil Colonial Rio de Janeiro*, 1953.
- MARQUES (M. E. de) — *Apontamentos históricos, geográficos, estatísticos e noticiosos seguidos da chronologia dos acontecimentos mais notáveis desde a fundação da capitania de São Vicente até o anno de 1879*. Rio de Janeiro, 2 vols. 1879.
- MARCO-ZERO. — *Roteiro do Litoral Centro — VII. Ao pé do arrabalde de Nova Sintra jazem as ruínas do engenho dos Erasmos*, in "Fôlha da Manhã", São Paulo, 9 de dezembro de 1956.
- MEULLENRS (J. L.). — *De antwerpsche bankier Erasmus Schetz en zijne geassocieerder Jean Vlamichx en Arnold Proenen in hunne betrekkingen tot Maastricht en Aken*. Maastricht, 1890 (31).
- MONUMENTO quinhentista: *As ruínas do engenho São Jorge dos Erasmos*, in "Fôlha da Manhã", 11 de outubro de 1959.
- NOBREGA, S. J. (Pe. Manuel de). — *Cartas jesuíticas, III. Cartas, informações, fragmentos, históricos e sermões do Padre José de Anchieta (1554-1594)*. Rio de Janeiro, Edição Academia Brasileira de Letras, 1933.
- OBERACHER (Carlos H.). — *A contribuição alemã na formação da nação brasileira*. Trad. do original, em alemão, pelo prof. Custódio de Campos. Rio de Janeiro, Ed. Presença (no prelo).
- OLIVEIRA, J. J. Machado d' — *Quadro histórico da Província de São Paulo*. São Paulo. Tip. Imparcial de J. R. H. Marques, 1864.
- ONDE teve início a produção industrial do açúcar. "Um milhão de cruzeiros é o valor mínimo da área onde se acham as ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos", in "A Gazeta", São Paulo, 7 de março de 1957.
- PAULA (Eurípedes Simões de). — *As ruínas do engenho São Jorge dos Erasmos*, in "Revista de História", São Paulo, 13 (28). Outubro Dezembro 1956.
- PERES (Damião) (Direção de). — *História de Portugal (Edição monumental comemorativa do 8.º centenário da Fundação da Nacionalidade*, Barcelos, 1928-1937.
- PERNAMBUCO, não foi o primeiro. *Pertence a São Paulo a primeiro engenho do açúcar*, in "DIÁRIO DE SÃO PAULO" São Paulo, 5 de janeiro de 1958.

(30). — Apud, Carl Laga, *op. cit.*

(31). — Apud Carl Laga, *op. cit.*

- PIGAFETTA (Antônio). — *Relazione del primo viaggio en torno al mondo... seguido del Roteiro d'un piloto genovese*. Milão, Alpes, 1928.
- POMBO (Rocha). — *História do Brasil*. Rio de Janeiro, vol. III. Aguillar, s. d.
- PRADO JR. (Caio). — *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*. São Paulo, Martins, 1942.  
— *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 6.a edição, 1961.
- PRETENDE-SE reconstituir o velho engenho levantado a mando de Martim Afonso em 1533 in Fôlha da Manhã, São Paulo, 9 de fevereiro de 1958.
- PRIMS (Fl.). — *Bibliografia van Kan Dr. Fl. Prims Antierpia*, vol. XIII, 1939, (32).
- PROCESSO N.º 251/55 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Assunto: Ref. a ruína do engenho do açúcar do engenho São Jorge dos Erasmos. Data: 26-II-1955.
- PROCESSO N.º 3.591-55 da Reitoria da Universidade de São Paulo. Assunto: Processo n.º 1.581/53 da Comissão da Cidade de São Paulo. Processo n.º 1507/63 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P. (Data 4-X-63). Assunto: ref. ao adiantamento de Cr\$ 2.000.000 para a restauração do Engenho. PROCESSO n.º 60-221 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- 4.º CENTENÁRIO da escritura do Engenho de São Jorge dos Erasmos, in "O Estado de S. Paulo", São Paulo, 29 de dezembro de 1957.
- 4.º CENTENÁRIO da escritura do Engenho de São Jorge dos Erasmos. As ruínas quinhentistas constituem os únicos remanescentes existentes no Brasil. Levantar-se-ão ao lado das ruínas, um Museu sobre a tecnologia do açúcar, in "Diário de São Paulo", São Paulo, 29 de dezembro de 1957.
- REGIMENTO de 17-XII-1548 do governador geral do Brasil in Documentos para a História do Açúcar, vol. I. Legislação (1534-1590). Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Alcool, 1954.
- RELAÇÕES comerciais do Brasil colonial com os portos do norte-da Europa. Visão do Prof. H. Kellenbenz às ruínas do engenho São Jorge dos Erasmos, in "A Gazeta", São Paulo, 30 de setembro de 1959.
- RESTAURAÇÃO do Engenho São Jorge dos Erasmos, in "O Estado de S. Paulo", São Paulo, 13 de outubro de 1956.
- RIBEIRO (João). — *História do Brasil*. Rio de Janeiro, 14.a ed., Livraria São José, 1959.
- RODRIGUES (Maria Regina da Cunha). — *A restauração do primeiro engenho brasileiro*. I, in "O Estado de S. Paulo", São Paulo, 29 de agosto de 1952.  
— II, in "O Estado de S. Paulo", São Paulo, 29 de agosto de 1952.  
— *O Brasil na exposição universal de Antuérpia*, in "A Gazeta", São Paulo, 12 de dezembro de 1958.  
— *A documentação antuérpiana sobre o Engenho de São Jorge dos Erasmos e o Prof. Herman Kellenbenz*, in "Revista de História", São Paulo, 21 (43), julho-setembro, 1960.
- RUINAS (As), pedem proteção, in "Shopping News", São Paulo, 19 de fevereiro, 1956.



- SAIA (Luís). — *Notas sobre a evolução da morada paulista*. São Paulo, s. ed., s. d.
- SALVADOR (Frei Vicente do). — *História do Brasil (1500-1627)*. 5.a ed. comemorativa do 4.º centenário do nascimento do autor. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke O.F.M. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- SANTOS (Câmara Municipal de). — 69.a sessão ordinária — *Pequeno Expediente Ofício n.º 735 de 2-VII-1963 do Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ao Presidente da Câmara Municipal de Santos*, in “A Tribuna”, Santos, 14 de julho de 1963.
- SANTOS (Francisco Martins). — *História de Santos (1532-1936)*. Santos, Revista dos Tribunais, 1937.
- SÃO PAULO, *Registro Geral da Câmara Municipal de (1583-1630)*. São Paulo, Pub. Oficial, vol. I, 1917.
- SÃO PAULO, *Departamento do Arquivo do Estado de — Sesmarias (1555)*. São Paulo.
- SCHMIDEL (Ulrich). — *Derrotero y viaje a la Espana y las Indias*. Trad. de Edmundo Wernike, do texto original (*Reise nach südamericke in den jahren, 1534 les 1554*, publicado pela primeira vez em Francfort sobre o mesmo em 1567). Santa Fé, 1938.
- SCHMIDEL (Ulrich). — *História de uma viagem maravilhosa que Ulrich Schmidel von Strauling fez nos annos de 1534 a 1554 na America ou no Novo Mundo, no Brasil e no Rio da Prata. O que elle vio nesses dezenove annos dessas terras e gentes estranhas*.
- SILVA (Luís Antônio Gama e). — *Discurso pronunciado na “Cerimônia Cívica de alto relevo (Doação à Universidade de São Paulo de uma área do Engenho São Jorge dos Erasmos)*, in “Circular n.º 48-58 da Associação dos Usineiros de São Paulo. São Paulo, 1958”. (Fls. 92 e segs.).
- SIMONSEN (Roberto). — *História econômica do Brasil (1500-1820)*. São Paulo, Editora Nacional, I tomo, 1937 (Brasiliiana).
- SOMMER (Friedrich). — *Os Schetz de Antuérpia e de São Vicente*, in “Revista do Arquivo Municipal de São Paulo”, São Paulo, IX, 1943.
- *Die Handelsherren Schetz in Antierpia und ihre Niederlarsung in Kolonialen S. Vicente*, in “Deutsche Nachrichten”, São Paulo, 30 de abril de 1942.
- *Deutsche Nachrichten*, in São Paulo, vol. I (Manuscrito ainda inédito pertencente ao Instituto Hans Staden de São Paulo).
- SOUSA (Gabriel Soares de). — *Notícias do Brasil*. (Notas de Pirajá da Silva). São Paulo, Martins, I tomo, 1945.
- SOUTHEY (Robert). — *História do Brasil*. Trad. de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, 3.a edição brasileira. Anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo. São Paulo, Obelisco, 1.º vol., 1965.
- STADEN (Hans). — *Duas viagens ao Brasil. (1547-1555)*. (Transcrito em alemão moderno por Carlos Fouquet, traduzido desse original por Guiomar de Carvalho Franca; com introdução e notas de Assis Carvalho Franco). São Paulo, publicação da Sociedade Hans Staden, 1952.
- TAUNAY (Afonso d’E.). — *Na era das Bandeiras*. São Paulo 2.a edição. Melhoramentos, 1932.

- TOMBAMENTO, *Ata da quadragésima primeira reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, in "Diário Oficial da União", Brasília, Capital Federal, 5 de agosto de 1963, n.o 6, 787.
- UM cemitério do tempo de Martim Afonso de Sousa, in "A Gazeta", São Paulo, 17 de setembro de 1947..
- URSEL (Le Cte. Charles D'). — *Sud Amérique (sejours et voyages au Brésil, a la Plata, au Chili en Bolivie et au Pérou)*. Paris, E. Plon et Cie. troisième Ed. 1880.
- VANDALA (Manuel). — *Manuel Vandala — Testamento — 1629. Inventário — 1627*, in "Inventários e Testamentos". (Papéis que pertenceram ao I Cartório de órfãos da Capital). Vol. VII. São Paulo, Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, 1920.
- VARNHAGEN (Francisco Adolfo) (Visconde de Pôrto Seguro). — *História Geral do Brasil*. São Paulo, 4.a edição. Melhoramentos, 1948. (As citações dos textos são feitas para essa edição e, para os documentos que nelas não se reproduzem, pela primeira (História Geral do Brasil).
- VASCONCELLOS S. J. (Pe. Simão de). — *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, etc., pelo Pe. Simão de Vasconcellos da mesma Companhia* (1.a edição, Lisboa, 1658). Lisboa, 2.a edição, 1865.
- VIANNA (Hélio). — *História do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1.º vol., 1961.
- TSOLS (E.). — *De Firma Van Immerseel en haar correspondenten. Een bijdrage tot de geschiedenis (1598-1621)*. Tese da Universidade de Lovânia. Lovânia, 1962 (33).
- WERNER (Théodor Gustav). — *Iconografia para a história do açúcar no Brasil Colonial. Álbuns inéditos, então na Biblioteca Central do Instituto do Açúcar e do Alcool no Rio de Janeiro.*  
— *O Comércio mundial dos Schetz em Antuérpia* (manuscrito inédito em poder do autor) (34).

\*  
\*   \*  
\*

IV. — *Histórico da investigação e processos relativos ao Engenho São Jorge dos Erasmos.*

a). — *primeiros artigos,*

(Publicados no *O Estado de S. Paulo*, edições de São Paulo, 28 de agosto e 10 de setembro de 1952).

(33). — *Ibidem.*

(34). — Apesar de exaustivas tentativas até a presente data não foi possível localizar o atual endereço do sr. T. G. Werner. Todavia, o sumário do manuscrito que foi analisado por nós, no acervo da biblioteca do I.A.A. não faculta supor que o autor haja tido acesso à famosa documentação antuerplana referente ao Engenho São Jorge dos Erasmos.

## “A RESTAURAÇÃO DO PRIMEIRO ENGENHO BRASILEIRO.

*Maria Regina da Cunha Rodrigues*

### I

Supondo-se que alguém pergunte a qualquer pessoa, portadora de uma boa cultura da história paulista — qual o primeiro engenho paulista, qual o primeiro engenho construído no Brasil, a resposta será com tãda certeza que é o São Jorge dos Erasmos.

Se, por acaso, houver curiosidade quanto a atual situação dessa autêntica *celula mater* de uma cultura, fonte perene da riqueza nacional — salvo exceções honrosas, ver-se-á o interpelado bem embaraçado.

E o mais estranho é que a maioria dos paulistas, embora residentes na própria São Vicente, na vizinha Santos, desconhecem as ruínas do primeiro engenho sul-americano.

Só mesmo um habitante do local ou quem por sorte aportou naquelas paragens, lembra-se da Capela de São Jorge que durante muito tempo substituiu ao Engenho.

No entanto quem visitar as suas ruínas, integradas numa propriedade particular, encontra, ainda, os paredões de pedra e cal, a madeira semi-destruída, o lugar onde se punha caldo de cana. Evidencia-se de maneira irrefutável que:

— “O Brasil não é pobre em tradições; é pobre o culto das tradições”.

As ruínas do Engenho dos Erasmos situam-se no caminho que vai d Santos a São Vicente, na antiga Estrada Provincial, numa distância aproximada de 14 quilômetros, tomando como ponto de partida, a praia São José Menino.

A paisagem que se apresenta ao visitante é bem típica. As vertentes da serra de Itararé emolduram a planície ainda hoje coberta de canaviais e bananais. Verifica-se que o sítio foi escolhido com muito acêrto; da serra o engenho recebia, por uma levada, a água necessária para movimentar a roda de moagem. A disposição seria semelhante aos primitivos engenhos da Ilha da Madeira, pois é certo que em todo o século XVI o núcleo das povoações junto ao engenho foi constituído por famílias madeirenses; em São Vicente: os Lemes, Góis, Afonsos e tantos outros. Eram, na época, segrêdo de família, os processos de cozedura e purga, havendo proibição de seu ensino a estrangeiros e aos escravos.

O próprio antigo escudo municipal de São Vicente subsiste como um fato autêntico.

“Escudo de prata, bordado de goles com um leão rompente de goles, armado de blau, com uma grinalda florida de sinople.

Divisa: *celula mater*, de goles em listel de prata enramado por hastes de cana de açúcar”.

Tãda gente sabe que o leão rompente é o timbre das armas de Martin Afonso, seu fundador. A divisa recorda que São Vicente é a mais antiga vila brasileira. As hastes de cana de açúcar têm alto significado histórico, lembrando a sua primordial cultura no Brasil quinhentista.

Os mais acreditados historiadores são unânimes em afirmar haver sido São Vicente o bérço da cana de açúcar no Brasil, dali se irradiando para algumas partes do país no decorrer do primeiro século colonizador.

Depoimento de incontestável valor, ainda do século XVI, encontramos numa das cartas do Padre Anchieta, endereçada a Gaspar Schetz, em 7 de junho de 1578. Documento que integra a coletânea de *Cartas, informações, fragmentos histórico se sermões do padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1549)*; em publicação da Academia Brasileira.

Anchieta se encontrava na Bahia e Gaspar Schetz, em Antuérpia. E' uma carta de pêsames, pelo falecimento de Melchior Schetz, conforme se lê:

"... a dôr que todos cá sentimos Nosso Senhor sabe, por falta lá uma cabeça tão catolica em tal occasião; e por não faltar de nossa parte a nosso officio e à muita caridade que tem V. M. a nossa Companhia, muitas missas lhe dissemos por tôda esta costa, como nos obriga a razão".

E à página 266, l-se:

"... Como soube por cartas, logo se apartou do engenho, e tomou casa, e ainda que a V. M. possa parecer outra cousa eu o tenho pelo melhor, para o mesmo engenho, e ainda que êle serviu com muita fidelidade e amor, contudo duas cabeças em um corpo é monstro".

O padre Simão de Vasconcelos, na sua *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, escrita no século XVII, afirma no parágrafo 3:

"Esta Vila de São Vicente foi a primeira em que se fêz açúcar na costa do Brasil, e donde as outras capitánias se proverão de cana para planta, e de vacas também para a criação".

Frei Gaspar da Madre de Deus em suas *Memórias para a história da Capitania de São Vicente*, escritas no século XVIII, conta que Martim Afonso de Souza:

"... mandando vir da Madeira a planta de canas doces. Para que os lavradores as pudesse moer, fabricou quasi no meio da sobredita ilha um engenho d'agua com Capela dedicada a São Jorge, o qual foi o primeiro que houve no Brasil: dela sairão canna para as outras Capitánias brazilicas, assim como sahirão d'estas de São Vicente as egoas, vaccas e ovelhas".

Consta por duas escrituras lavradas em Lisboa, registradas no Cartório da Fazenda Real de São Paulo, que Martim Afonso e Pedro Lopes de Sousa, celebraram contrato de sociedade com João Veniste (Jan Van Hielst), Francisco Lobo e o Pilôto-Mor Vicente Gonçalves, para efeito de se levantarem dois engenhos nas capitánias dêsses donatários, obrigando-se êles a darem as terras para isso necessárias nas Capitánias respectivas, de sorte que no Engenho construído na Capitania de Martim Afonso, teria êle a quarta parte, e uma cada um dos três sócios: João Veniste (Jan Vn Hielast), Francisco Lobo e o Pilôto-Mor; da mesma forma seriam três partes dos mencionados três sócios e uma de Pero Lopes no outro Engenho, que se erigisse em suas terras.

Consta mais expressamente, que Martim Afonso satisfêz a condição, assinando o contrato das terras no Engenho de São Jorge, situado na Ilha de São Vicente e consignando mais para refeição do dito engenho as terras que haviam sido de Rui Pinto, as quais ficam no fundo da Ilha de Santo Amaro ao norte do rio da Vila de Santos, aquêlê rio que forma a Barra Grande do meio.

Foram vários os apelidos do sobredito engenho, por terem sido diversos os seus donos em tempos diferentes; no princípio o chamavam Engenho do Senhor Governador, por ser do Donatário, depois Engenho dos Armadores; e últimamente São Jorge dos Erasmos, segundo consta nos livros das Vereações de São Vicente. Martim Afonso, Francisco Lobo e o Pilôto-Mor, venderam suas partes ao alemão Erasmo Schetz, últimamente os filhos dêste dono, compraram também o quinhão de João Veniste (Jan Van Hielst), e por isso se ficou chamando o Engenho São Jorge dos Erasmos.

“Como nos próximos anos à fundação daquela Capitania todos os moradores principais de Santos, e São Vicente se applicavão à lavoura, grassou a plantação das canas com tanta felicidade que antes de muito tempo se multiplicarão os engenhos no distrito de ambas as vias” (§§ 103, 104, 105, 106).

Citemos ainda o historiador inglês Roberto Southey, na sua *História do Brasil*, tomo I a pág. 64, da tradução do sr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro, fazendo o elogio da ação colonizadora de Martim Afonso, afirma:

“Fez Martim Affonso uma malograda expedição para o sul pelo sertão a dentro em busca de minas, voltando com a perda de oitenta europeus.

A todos os outros respeitos foi afortunada a sua colonia. Aqui se plantarão as primeiras canas de açúcar. Aqui se creou o primeiro gado e daqui se proverão de uma e outras cousas as demais capitánias.

Se a honra de haver introduzido a cana no Brasil reverte ao fundador da colonia, ninguem o diz, se houvera sido uma batalha ou uma carnificina teria sido consignada para a memoria eterna. Quem assim beneficia a humanidade, não é delicado numa idade de selvageria; noutra de illustração recebe o devido tributo de louvor; mas em todos os grupos intermediários de barbarie e semi-barbarie passarão desapercibidas estas ações”.

O historiador português do século passado, Álvaro Rodrigues de Azevedo e msuas anotações *As saudades da terra*, pelo Dr. Gaspar Frutuoso diz, pág. 655:

“... e, finalmente, descoberto o Brasil em 1500, colonizado de 1532 até 1549, o donatario da Capitania, Martim Afonso de Souza, expulsou os aventureiros franceses que occupavam o litoral, mandou buscar a cana doce a Ilha da Madeira, segundo vem referido no Panorama, vol. 1, pág. 145, e a fez plantar na villa de S. Vicente, que fundou e da qual depois tôda a capitania tomou o nome.

Esta de S. Vicente foi a primeira em que se fez assucar na costa do Brazil e donde as outras capitánias se proveram de canna para pianta” (36).

\* \* \*

## A RESTAURAÇÃO DO PRIMEIRO ENGENHO BRASILEIRO.

*Maria Regina da Cunha Rodrigues*

### II

“Apesar de muitos historiadores concordarem quanto ao ponto em que primeiro se fixou a cana de açúcar no Brasil, não se pode assegurar que haja unanimidade perfeita. Varnhagen conta em sua *História do Brasil* que em 1526 já se pagava direito de alfândega em Lisboa pela cana cultivada no Brasil. Em se tratando de um tão escrupuloso historiador, mais ainda se admira que tenha êle transcrito tão importante informação, sem documentar, apresentando a fonte em que a obteve. Opõe-se-lhe também o donatário Duarte Coelho Pereira que, em carta posterior bastante conhecida, diz que êle introduziu cana na capitania de Pernambuco.

Ainda se pode anotar a referência de Pigaffeta, cronista veneziano que acompanhou Fernão de Magalhães, em sua primeira viagem de circunavegação, que em 1519, passando pela baía da Guanabara afirmara avistar “canas doces”. Testemunho pouco provável, pois tôda a gente sabe que abandonada na mata a cana não produz e, também, não há notícia da cana haver sido conhecida pelos índios. O que deve ter havido seria uma confusão de Pigaffeta ao identificar uma gramínea ainda pouco conhecida. No entanto, essa observação do cronista veneziano reforça a corrente de historiadores que dá a cana como nativa da América e conhecida no México e nas Antilhas, pois em relação a origem dessa mesma planta existem controvérsias muitas sérias.

Sendo assim, também existente no Brasil — sem haver sido aproveitada — apenas identificada pelos portugueses, verificou-se que se tratava de uma qualidade tão inferior, cujo rendimento em açúcar, insignificante, deve ter levado Martim Afonso de Souza a importar da Ilha da Madeira a cana denominada naquela ilha, “cana da terra”, a mesma conhecida entre nós por “cana crioula”, na terceira década do século XVI. Essa mesma qualidade foi plantada na América Espanhola no século XVI.

Segundo Charlevoix, na sua *Histoire d’Amerique*, Pierre d’Etiença foi o primeiro que transportou a cana crioula para a ilha “Hespanhola” em 1506, tendo sido Miguel Allestro (provavelmente natural de Pôrto Santo, no Arquipélago da Madeira) o primeiro que extraiu o suco e Gonçalo de Velosa (outro provável madeirense) o primeiro a produzir açúcar no Nôvo Continente.

Outra corrente afirma: é mais provável que a cana de açúcar fôsse não somente estranha à América como também à própria Europa pois, segundo autores idôneos, ela é originária das Ilhas Polinésias e da Malaia, especialmente do Arquipélago de Tubai.

E’ possível que antes da fundação do Engenho de São Jorge dos Erasmos, existissem pequenas plantações na própria São Vicente, Itamaracá ou outros lugares da costa brasileira. Mas, o que é incontestável é que a cultura da cana e a sua exploração industrial teve o seu início em São Vicente, irradiando-se por todo o Brasil. Essa é, aliás, a afirmação que se encontra na *História Econômica*, publicada por Roberto Simonsen:

“... mas o verdadeiro início da cultura parece ter sido empreendido por Martim Afonso de Souza, em 1553 com a fundação em São Vicente, do Engenho do Governador. Consta que tanto êle como Pero Lopes de Souza e Pero Lopes da Silveira se associaram com flamengos e alemães para a instalação de alguns engenhos.

Foi célebre o engenho dos Erasmos, a que estavam associados os Schetz de Antuérpia, que se enriqueceram no comércio do açúcar do Brasil”.

A propósito dos Schetz (*Schet*, escreve Anchieta e *Esquetes* ou *Esquettes* dizem alguns escritores antigos). Alcebiades Furtado transcreve nas *Publicações do Arquivo Nacional* (XV, págs. 5-22) vários documentos que pertenceram aos jesuítas de São Vicente bem como o resultado de investigações feitas em Bruxelas, a seu pedido, por A. de Ridder.

Dos Schetz, originários da Francônia ou de Maestricht, o primeiro membro conhecido na Bélgica foi Conrado, cujo filho Erasmo faleceu em 1550. Êste deixou cinco filhos, entre os quais Gaspar, barão de Weseamael e senhor do Grobendonek, falecido em Mons, a 7 de novembro de 1584. Erasmo Schetz fundara com seu cunhado Jean Wlemünckx e Arnold Proenne uma sociedade comercial; com negócios bancários, de seguros, minas, etc. Mais tarde, com a entrada de seus filhos Gaspar, Melchiór e Baltazar, constituiu-se a firma Erasmo Schetz & Filhos que, falecido Erasmo, passou a denominar-se Gaspar Schetz & Irmãos. Os Schetz eram proprietários do Engenho dos Erasmos que exportava açúcar para a Europa e foi uma das fontes principais da imensa riqueza que acumularam. Católicos e devotos da Companhia de Jesus (segundo as declarações de Pero Rodrigues, em *Vida de Anchieta*... l. c., 228-229) grandes eram as obrigações que lhes deviam os jesuítas.

Poder-se-ia, recorrendo à documentação existente sôbre o século XVI, que deve existir nos arquivos de além-mar, pois, como tôda gente sabe, não existem as primeiras Atas da Vila de São Vicente, — tentar descrever o movimento comercial do Engenho, depois dos Erasmos, assim como de seus sucessivos donos, até nossos dias. Seria alongar muito o que é apenas uma tentativa de chamar a atenção para um problema digno de ser solucionado, o da restauração do primeiro engenho brasileiro.

Impossível negar que a descoberta da cana e a sua transformação em açúcar foi um dos grandes benefícios para a humanidade.

Importância que se faz sentir não apenas no campo comercial, mas no campo da diplomacia, das relações internacionais.

Entre outros testemunhos há o do Capitão donatário Simão Gonçalves da Câmara que, nos meados do século XVI, enviou ao Papa Leão X, além de outros presentes, o do Sacro Palácio todo feito de açúcar e os Cardeais, todos feitos de alfenim, numa autêntica demonstração do fausto ocasionado pela indústria açucareira em seus domínios.

Sabe-se que em São Vicente, desde os primeiros anos, era o açúcar a moeda corrente. Basta recordar a famosa carta do Padre Manuel da Nóbrega, de 31 de agosto de 1553, onde o jesuíta afirma que João Ramalho pagaria as despesas em Portugal, com açúcar vicentino.

Na mais antiga de tôdas as vilas brasileiras se encontram as ruínas do mais antigo engenho de açúcar sul-americano, que está ameaçado de desaparecimento, se desde logo não fôr tomada uma medida capaz de evitar essa perda. Essa me-

dida impõe-se justamente agora quando se intensificam os preparativos para o IV Centenário da Cidade de São Paulo, Capital do Estado que é também, incontestavelmente, o líder da produção açucareira do País. Sabemos que entre as propostas encaminhadas à Comissão do IV Centenário, foi aprovada pela Consultoria competente a investigação e eventual publicação dos documentos existentes no castelo d'Ursel, perto de Bruxelas, relativos à história paulista do século XVI, pois se trata de patrimônio de descendentes diretos dos Schetz. O Prof. Sérgio Buarque de Holanda, autor dessa proposta, sugeriu que, nesse sentido, houvesse entendimentos com o atual duque d'Ursel, para a obtenção de micro-fotografias ou cópias fotostáticas dos documentos, como é o caso do Mr. Denucé, historiador francês residente em Antuérpia e já conhecedor dos papéis, de fazer o trabalho e enviar os resultados obtidos. Sabemos também que a referida proposta não advoga a restauração do Engenho de São Jorge dos Erasmos. No entanto, entre o material lá existente, deve figurar algum mapa que faculte o trabalho de restauração. Sendo assim, tanto melhor; caso contrário ainda será tempo de ser reparada a injustiça, de ser afastada a condenação que paira sobre uma autêntica relíquia nacional.

No entanto, temos presente o estudo da Profa. A. P. Canabrava intitulado: *A influência do Brasil na técnica do fabrico do açúcar nas Antilhas Francesas e Inglesas, nos meados do século XVII* (publicado no "Anuário da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo", 1946-1947). Reexaminando o problema à luz de depoimentos dos cronistas antilhanos e da correspondência oficial das autoridades das Ilhas, a historiadora paulista chega a conclusões inteiramente inéditas, opondo-se às teses de Sombart, endossadas por Lippmann e João Lúcio de Azevedo, que deixaram de fundamentar suas asserções no exame de documentação de procedência antilhana. Depois de um comprovado estudo sob elementos técnicos de fabricação do açúcar do Brasil para as Antilhas Francesa e Inglesa, apresenta, entre outras, a seguinte corrente:

"... A primeira expansão foi realizada pelos comerciantes holandeses com objetivos puramente mercantis. Processam-se durante o período da dominação holandesa no Brasil, tendo como centro a possessão Inglesa de Barbados. Os marinheiros e comerciantes holandeses levaram a cana-de-açúcar à ilha e os conhecimentos indispensáveis obtidos no Brasil, relativos ao cultivo da planta, ao equipamento dos engenhos e à fabricação do açúcar. Senhores de engenho de Barbados vieram ao Nordeste brasileiro, na época da dominação holandesa para aperfeiçoarem seus conhecimentos por meio de observação direta dos engenhos brasileiros. Escravos procedentes do Brasil, negros e índios, foram vendidos nas Ilhas pelos holandeses".

Focalizando esse trabalho, desnecessário se nos afigura esclarecer a inexistência de qualquer pretensão do litoral vicentino em participar dessa irradiação da técnica de fabricação do açúcar às Antilhas. A própria situação geográfica, numa época pobre em comunicações, constitui um argumento decisivo. O que se nos apresenta indispensável é a necessidade de um retorno às verdadeiras fontes históricas, a fim de preencher claros e esclarecer pontos duvidosos da História do Brasil, mormente nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Vibram os historiadores em geral e aqueles que se acham debruçados sobre o problema do açúcar em tempos coloniais em particular, com a possibilidade da divulgação de documentação existente no Castelo d'Ursel, ainda em tempo



de concluir trabalhos de relevância para a festa máxima da cidade. Ninguém pode negar que a restauração do Engenho de São Jorge dos Erasmos é uma obra patriótica, necessária, indispensável. Que se restaure na sua forma primitiva, baseando-se, se possível, em gravuras da época, com painéis de azulejo que rememorem o fato histórico que tão admiravelmente representa. Assim, transformar-se-á num monumento nacional que será também um local de peregrinação, ao mesmo tempo centro de estudos e motivo de turismo.

Mais uma vez repetimos o que se afirmou inicialmente: "O Brasil não é pobre em tradições, é pobre o culto às tradições" (37).

\*

\*

\*

b). — *Primeiras providências:*

- 1). — Carta de 19 de janeiro de 1953 ao Presidente da Comissão do VI Centenário da Cidade de São Paulo.

"São Paulo, 19 de janeiro de 1953.

Illmo. Sr.

Francisco Matarazzo Sobrinho.

D. D. Presidente da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Atenciosas saudações.

Em relação ao pedido verbal que me fêz V. Excia. em dias do corrente mês com referência às ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, tomo a liberdade de apresentar as sugestões que se seguem:

- 1). — A riqueza açucareira do Brasil parece ter tido início em São Paulo, no Engenho de São Jorge dos Erasmos, cujas ruínas situadas próximas da estrada que liga São Vicente à Estrada do Mar, ainda atestam a grandiosidade do 1.º Engenho mandado construir no Brasil por Martim Afonso de Souza.

- 2). — É provável que historiadores paulistas hajam escrito e, focalizado as ruínas atuais, solicitando providências no sentido de uma possível restauração, dessa nossa bela tradição. No entanto foram os artigos publicados em edições de *O Estado de S. Paulo*, — que tomamos a liberdade de anexar, — que, mediante uma pesquisa esclarecida, reclamam providências para o restabelecimento do mesmo Engenho, talvez a mais preciosa de tôdas as tradições agrícolas do País.

De maneira incisiva foi feito um apêlo no sentido de que a restauração do 1.º Engenho Brasileiro não seja postergada, devendo ficar restaurado, pelo menos na comemoração do IV Centenário da Cidade, passando assim a ser um dos empreendimentos a serem realizados naquela data comemorativa.

- 3). — A restauração do engenho talvez não encontre dificuldades, em virtude dos elementos iconográficos dos antigos engenhos movidos a água, serem numerosos.

- 4). — No local das ruínas ainda se encontram os primitivos alicerces de pedra da casa principal, bem como da capela de São Jorge, cuja restauração,

---

(37). — In *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 de setembro de 1952.

talvez também possa ser feita. O rêgo da levada da água (Cachoeira Nova-Cintra) ainda é visível em grande parte de seu percurso, o que facilita a sua provável reconstrução.

5). — A restauração do Engenho deve ser precedida da compra de tôda a área onde se acham as ruínas, devendo começar essa área junto à estrada que liga São Vicente à estrada de rodagem São Paulo-Santos e terminar no fundo do pequeno divisor das águas.

Da estrada atual de rodagem deve sair em frente do Engenho, em linha reta, a futura estrada para dar acesso ao Engenho restaurado, estrada essa inferior a um quilômetro de distância.

Essa estrada deverá ser ladeada de uma plantação de cana de açúcar de uma ou de diversas qualidades. Na esplanada, junto ao Engenho, poderá ser feita uma construção do mesmo estilo do Engenho para nela ser instalado um bar, a semelhança do que ao que saiba se faz junto às ruínas históricas restauradas ou protegidas, de regiões norte-americanas. Isto porque a restauração além de vir a ser um centro de estudos sôbre a economia e a tecnologia do açúcar, será uma fonte de turismo para o futuro. Quanto à muralha de pedra ainda existente, poderia ser aproveitada para painéis de azulejo onde se restabeleça a vida daquele primitivo engenho, desde o corte da cana até a retirada das formas dos pães de açúcar.

6). — Os usineiros paulistas restabeleceram, como se sabe, a supremacia da indústria açucareira do País e, como prova de amor à terra ubérrima de São Paulo, do trabalho intensivo do povo, teriam de restabelecer uma das mais belas tradições de São Paulo, como pioneiro da indústria açucareira no País.

7). — A restauração dessas ruínas deverá ser precedida de um estudo referente à restauração e à aquisição das terras necessárias à construção da estrada e o mais que fôr necessário, com a colaboração do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, feito o que, projeto e orçamento deverão ser submetidos à apreciação dos usineiros que irão contribuir para a restauração do primeiro engenho brasileiro.

8). — Para coordenação dos trabalhos poderá ser nomeada uma comissão de professôres e especialistas em assuntos históricos, além do corpo técnico que deverá elaborar o ante-projeto da restauração ou preservação e orçar o total das despesas necessárias.

Saudações universitárias,

a) *Maria Regina da Cunha Rodrigues.*

Aluna da secção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

\*

2). — *Ofício de 8 de abril de 1953 da Comissão do IV Centenário.*

Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

25-1-1554 — 25-1-1954.

(Entidade autárquica criada pela Lei Municipal n.º 4.166, de 1951).

São Paulo, 8 de Abril de 1953.

Proc. n.o 1581-53.

7020.

Exma. Sra.

Maria Regina da Cunha Rodrigues.

Rua Maria Carolina n.o 67 (Jardim Paulistano).

Capital.

Prezada Senhora:

Com referência à sua carta de 19 de janeiro último, temos a informar que o Senhor Presidente desta Autarquia consultou a Associação dos Usineiros de São Paulo, sobre a possibilidade de se interessar os Usineiros de São Paulo e o Instituto do Açúcar e do Alcool no projeto de restauração do *Engenho de São Jorge dos Erasmos*, tendo aquela entidade dedicado ao assunto um estudo cuidadoso, sendo que, para uma deliberação a respeito, necessita ela de mais os seguintes esclarecimentos:

- 1.º. — O "*Engenho São Jorge dos Erasmos*" foi de fato o primeiro engenho de açúcar a ser instalado no Brasil?
- 2.º. — Conseqüentemente, o que é preciso fazer e qual o dispêndio necessário para reconstituição primitiva daquele monumento histórico?

Solicitamos pois informar-nos sobre a resposta que deverá ser dada aos quesitos propostos, a fim de que o Senhor Presidente possa transmiti-la, com a possível urgência, à Associação dos Usineiros.

Na expectativa de suas notícias a respeito, valem-nos do ensêjo para enviar-lhes as nossas cordiais saudações.

a) *Sebastião Meirelles Teixeira* — Diretor Geral.

\*

- 3). — *Resposta ao presidente da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.*

"São Paulo, 2 de maio de 1953.

Ilmo. Sr. Sebastião Meirelles Teixeira.

DD. Diretor Geral da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Capital.

Prezado Sr. Diretor Geral.

Respondendo a sua atenciosa carta de 8 de abril p.p. que, por motivos supervenientes, somente agora nos chegou às mãos cumpre-nos lembrar, logo de início que:

aluna licenciada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo cuja finalidade precípua consiste em encaminhar seus alunos para o campo inesgotável da pesquisa científica foi, ciente dessa responsabilidade que, localizando as ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, na Estrada de Santos a São Vicente, iniciamos nosso trabalho. Trabalho que antes de ser publicado em edições de agosto e setembro de 1952 no jornal *O Estado de S. Paulo*, ocasionou árdua pesquisa bibliográfica da qual destacamos as seguintes fontes:

Padre Simão de Vasconcellos, na sua crônica da *Companhia de Jesus do Estado do Brasil* — parágrafo 63.

Frei Vicente Salvador na *História do Brasil*: Cap. II, parágrafo 9.

Frei Gaspar da Madre de Deus na sua *Memória para a História da Capitania de São Vicente* — parágrafos 103 a 106.

O historiador inglês Roberto Southey na sua *História do Brasil* (tradução de Luís Joaquim de Oliveira e Castro, tomo I, pág. 63).

Rocha Pombo, *História do Brasil*, vol. III, págs. 73 e 75.

Brito Freire na sua *Nova Lusitânia*, Cap. II.

Álvaro Rodrigues de Azevedo, *As Saudades da Terra*, pág. 655.

Charlevoix, *Histoire d'Amerique*. Tomo I.

Alice Piffer Canabrava, *A influência do Brasil na Técnica do Fabrico de Açúcar nas Antilhas Francesas e Ingêlas nos meados do século XVII* (in "Anuário da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo").

Alcebiades Furtado, *Publicações de Arquivo Nacional* (Cap. XIV).

Drumond Menezes, *O mais antigo engenho brasileiro* (in "Revista Don Casmurro").

Leite Cordeiro, *O engenho São Jorge dos Erasmos*.

Robert Simonsen, *História Econômica do Brasil*.

Além desses depoimentos escritos contamos com o beneplácito unânime, em relação a nossa tese da possibilidade da restauração do primeiro engenho brasileiro, São Jorge dos Erasmos, dos eruditos mestres:

- venerando historiador: Prof. Afonso d'E. Taunay;
- Prof. Sérgio Buarque de Holanda, Diretor do Museu Paulista;
- Prof. Costa e Silva Sobrinho, Diretor do Instituto Histórico e Geográfico de Santos;
- Prof. Alfredo Ellis Júnior, Catedrático de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo e
- Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello, Catedrático de História da Civilização Americana da Universidade de São Paulo.

Assim é que, podemos afirmar que o Engenho São Jorge dos Erasmos, em São Vicente, foi o primeiro a ser instalado no Brasil e ousamos desafiar quem possa provar o contrário.

Quanto ao segundo esclarecimento não o podemos responder com a mesma segurança no entanto podemos assegurar que a restauração do engenho é facilitada pelo aspecto atual de suas ruínas e a iconografia antiga dos engenhos primitivos.

A primeira providência a ser tomada seria a desapropriação de uma área, mais ou menos de 300 a 500 metros de frente para a estrada que liga São Vicente à Estrada do Mar, localizada no eixo das ruínas, até o divisor de águas do morro Itabiranga, que se encontra no fundo das mesmas.

No entanto, dada a nossa natural falta de prática em tais cálculos, consultamos a direção do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, Seção de São Paulo que nos informou: em obras semelhantes as primeiras medidas devem constar de uma vistoria técnica no local, um levantamento minucioso dos "restos" deste engenho; do estudo das possibilidades financeiras não só teóricas, mais também no que concorre à aquisição da área necessária e execução de obras. Trabalhos preliminares que se supõem poderiam ser feitos com cerca de Cr\$ 50.000,00, talvez menos.

A fim de objetivar a iniciativa com elementos concretos, pensamos em organizar uma comissão constituída pelos Srs.:

- Prof. E. Simões de Paula, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo;
- Fúlvio Morganti, Presidente da Associação dos Usineiros de São Paulo;
- Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello, da Universidade de São Paulo;
- Dr. Drumond Menezes, Diretor do Instituto Genealógico de São Paulo;
- Prof. Costa e Silva Sobrinho, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santos;
- Dr. Nuto Santana, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e
- um representante da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

A reunião em apreço deverá realizar-se dia 7 de maio, às 15 horas, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo à rua Maria Antônia, 294. (Gabinete do Sr. Diretor).

Saudações Universitárias.

a) *Mara Regina da Cunha Rodrigues.*

\*

4). — *Carta de 2 de fevereiro de 1954 do Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ao proprietário do Engenho de São Jorge dos Erasmos.*

Exmo. Sr.

Dr. Otávio Ribeiro de Araújo.

Rua Amador Bueno, 26.

Santos.

Prezado Senhor:

Pela presente, tenho a honra de apresentar-lhe D. Maria Regina da Cunha Rodrigues, aluna desta Faculdade, que está realizando pesquisas a respeito do Engenho São Jorge dos Erasmos, cujas venerandas ruínas, conforme informação de pessoas idôneas, se encontram localizadas em terras de V. Senhoria.

Como deve ser do conhecimento de V. Senhoria, há uma comissão integrada por professores desta Faculdade sob a direção técnica do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, encarregada de estudar a restauração do referido engenho, em suas bases primitivas, a fim de que o mesmo seja um centro de estudos sobre o açúcar e também motivo de turismo.

Em se considerando a relevância do empreendimento, D. Maria Regina da Cunha Rodrigues irá consultar pessoalmente V. Senhoria, sobre a disponibilidade da área necessária à planejada restauração.

Agradecendo a atenção que V. Senhoria dispensar, aproveito a oportunidade para apresentar-lhe protestos de alta estima e distinta consideração.

a) *Eurípedes Simões de Paula* — Diretor.

\*

- 5). — *Carta de 4 de fevereiro de 1954 do proprietário do Engenho dos Erasmos ao presidente da Comissão Pró-Restauração do Engenho São Jorge dos Erasmos.*

Santos, 4 de fevereiro de 1954.

Ilmo. Sr. Dr. Antônio Augusto Menezes de Drummond.

DD. Presidente da Comissão Pró-Restauração do Engenho São Jorge dos Erasmos.

Rua Maria Antônia, 294 — Departamento de História.  
São Paulo.

Saudações.

Tendo recebido a grata visita da Senhorinha Maria Regina, estudiosa sobre assuntos históricos, e a mim recomendada pelo Ilustre Professor E. Simões de Paula, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a seu pedido dirijo-me a V. S. para informar o que poderei fazer em benefício da restauração do Engenho dos Erasmos, localizado em nossas terras.

Pretendendo vender em lotes uma parte do Sítio São Jorge, reservei toda a área onde se encontram as ruínas para serem restauradas pelo Instituto Histórico de Santos, o que seria mais apreciado pelos Santistas. Entretanto, ciente de que os seus Diretores não estão se interessando muito pela oferta, ponho, com muita satisfação, à sua disposição aquela área, desde que sejam as ruínas restauradas.

Permanecendo ao inteiro dispor de V. S. ou da Comissão, para qualquer outro esclarecimento, subscrevo-me

Atenciosamente

a) *Otávio Ribeiro de Araújo.*

\*

- 6). — *Carta de 14 de março de 1964 do dr. Menezes Drummond ao Sr. Otávio Ribeiro de Araújo.*

São Paulo, 14 de março de 1954.

Ilmo. Sr.

Otávio Ribeiro de Araújo.

Santos.

Prezado senhor:

Em resposta à prezada e amável carta que V. S. me dirigiu por intermédio da Sra. Maria Regina da Cunha Rodrigues e referente à intenção dadivosa manifestada nela da doação das ruínas do Engenho dos Erasmos para a sua restauração, cumpre-me agradecer a alta intenção de V. S., concorrendo para a restauração daquêle que foi o primeiro engenho de açúcar do Brasil.

Tomo a liberdade de solicitar de V. S. a gentileza de informações sobre o título de domínio das terras pertencentes a V. S. em que estão encravadas aquelas ruínas, a fim de que possa ser elaborado um ante-projeto de doação, que será, previamente, submetido à alta consideração de V. S.

Muito grato pela atenção dispensada, apresento a V. S. as mais cordiais saudações.

a) *Menezes Drummond.*

\*

7). — *Ofício n.º 414, de 9 de fevereiro de 1955 do Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ao Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.*

N.º 414.

São Paulo (Brasil), 9 de fevereiro de 1955.

Magnífico Reitor:

Tendo uma pesquisa realizada pela lic. Maria Regina da Cunha Rodrigues, publicada no *O Estado de S. Paulo*, revelado a existência entre Santos e São Vicente de ruínas de histórico engenho de açúcar, ruínas que foram autenticadas pelo Dr. Luís Saia, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e despertado a atenção da Associação dos Usineiros de São Paulo, o proprietário das terras em que se localizam os referidos engenhos, sr. Otávio Ribeiro de Araújo, se prontificou a fazer doação dos terrenos em causa à Universidade de São Paulo, desde que sejam feitas as restaurações necessárias.

A Associação dos Usineiros de São Paulo já se prontificou em realizar as restaurações que se fizerem necessárias, desde que seja apresentado um exame das ruínas e um relatório orçamentário.

Nessas condições, uma vez que tal realização não acarreta ônus para a Universidade de São Paulo, venho solicitar de Vossa Magnificência se digne pedir ao Dr. Luís Saia, acima citado, providências no sentido de determinar um perito para exame das ruínas mencionadas e para elaboração, se convier, do orçamento para a restauração.

Agradecendo a atenção que Vossa Magnificência dispensar, valho-me do ensino para renovar-lhe protestos de alta estima e elevada consideração.

a) *E. Simões de Paula* — Diretor.

Ao Exmo. Sr. Prof. Dr. José de Mello Moraes,  
Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.

\*

8). — *Ofício n.º 986, de 10 de fevereiro de 1955 do Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo ao Chefe do 4.º Distrito do DPHAN-MEC.*

Of. 986  
JOSM/

São Paulo, 10 de fevereiro de 1955.

Senhor Diretor,

Tenho a honra de passar às suas mãos cópia do ofício transmitido à Reitoria pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desta Universidade, cujo assunto diz respeito às ruínas de histórico engenho de açúcar, situadas entre Santos e São Vicente, e autenticadas por V. Excia., a fim de que se digno de determinar as providências que julgar acertadas, no sentido de se atender à solicitação formulada pela Diretoria do aludido Instituto Universitário.

Agradecendo, antecipadamente, a atenção que dispensar ao presente, preveleço-me do ensêjo para reiterar a V. Excia. os protestos de minha alt estima e consideração.

a) *José de Mello Moraes* — Reitor.

Ao Exmo. Sr. Dr. Luís Saia.

DD. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

\*

9). — *Ofício n.o 17, de 26 de fevereiro de 1955, do Chefe do 4.o Distrito do DPHAN-MEC, ao Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.*

*Ministério da Educação e Cultura.*

4.o Distrito da DPHAN.

Of. 17-55.

São Paulo.

Em 26 de fevereiro de 1955.

Do Chefe do 4.o Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Ao Senhor Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.

Assunto: ruínas de histórico engenho de açúcar.

Magnífico Reitor.

Atendendo a solicitação de vosso ofício n.o 986, de 10 de fevereiro, cabe a esta Chefia do 4.o Distrito ponderar que:

- a). — realmente, a convite de D. Maria Regina da Cunha Rodrigues, teve o Chefe do 4.o Distrito oportunidade de vistoriar as ruínas de um engenho situadas na ilha de Santos;
- b). — tôdas as indicações, até o momento compulsadas, levam a meditar que as referidas ruínas são “restos” do Engenho de São Jorge dos Erasmos;
- c). — a peritagem a que se refere o of. n.o 414, de 9-2-55, do Senhor Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, poderá ser feita pelo próprio 4.o Distrito da DPHAN;
- d). — cabe sugerir, entretanto, que sejam tomadas providências junto ao Itamarati a fim de obter cópias da iconografia relativa ao referido engenho, existente em Antuérpia, com o Duque de Ursel;
- e). — o orçamento a que se refere o ofício citado n.o 414 só poderá ser elaborado à vista de um projeto de obras, o que ainda não existe;
- f). — é provável que o problema da restauração da referida peça tenha que ser pôsto de lado, uma vez que os “restos” encontrados não são de molde a permitir, senão em têrmos precários e anti-científicos, tal trabalho;



- g). — o parecer desta Chefia é que se deverá estudar um agenciamento adequado, objetivando a consolidação e valorização das ruínas, agenciamento êsse que incluirá, eventualmente, a amostra da documentação concernente ao assunto.

Assegurando a V. Magnificência a disposição de colaborar na realização de tão interessante iniciativa, a Chefia do 4.o Distrito da DPHAN, se vale do presente para manifestar o alto apreço e atenciosa consideração.

a) *Luís Saia* — Chefe do 4.o Distrito da DPHAN.

\*

- 10). — *Ofício n.o 2663, de 4 de outubro de 1955 do Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo ao Chefe do 4.o Distrito do DPHAN-MEC.*

N. 2663.

São Paulo (Brasil), 4 de outubro de 1955.

hc/.

Senhor Diretor.

Em vista de até agora não ter sido solucionado o problema da restauração do Engenho São Jorge dos Erasmos, tomo a liberdade de propor que o 4.o Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se digne determinar as seguintes medidas:

- 1). — obter a documentação iconográfica existente a respeito do assunto;
- 2). — proceder a um levantamento dos "restos" do Engenho e estudar uma estimativa dos gastos que deverão ser realizados a fim de se preservar as ruínas existentes;
- 3). — apresentar sugestões a respeito de organizações públicas que possam eventualmente se incumbir da administração do monumento e seu possível aproveitamento como logradouro público, tendo em vista a sua finalidade cultural e pedagógica.

Agradecendo a atenção que V. Excia. dispensar valho-me do ensêjo para apresentar meus protestos de alta estima e consideração.

a) *E. Simões de Paula* — Diretor.

Exmo. Sr. Prof. Dr. Luís Saia.

DD. Diretor do 4.o Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

\*

- 11). — *Ofício 69-A-55 de 10 outubro de 1955 do Chefe do 4.o Distrito da DPHAN-MEC à Profa. Maria Regina da Cunha Rodrigues.*

*Ministério da Educação e Cultura.*

Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Of. 69-A-555.

São Paulo, 10 de outubro de 1955.

Do: Chefe do 4.o Distrito da DPHAN.

A: Profa. Maria Regina da Cunha Rodrigues.

Assunto: Engenho São Jorge dos Erasmos.

Prezada Senhora.

Tendo em vista os termos do ofício n.º 2663 de 4 de outubro pp. do Senhor Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sobre os meios através dos quais pode ser encaminhado o problema de preservação dos "restos" do Engenho São Jorge dos Erasmos, cabe-me encarecer a colaboração de V. S. não só porque foi a pessoa que suscitou o referido problema, mas especialmente por que no trato do assunto manifestou alto espírito público e grande eficácia.

Receberia pois, com a mais viva satisfação uma notícia nesse sentido.

Atenciosas saudações,

a) *Luis Saia* — Chefe do 4.º Distrito da DPHAN.

À Senhora

D. Maria Regina da Cunha Rodrigues.

DD. Professora catadrática de História do Brasil do Instituto de Educação "Leônidas do Amaral Vieira".

*Santa Cruz do Rio Pardo*. S. P.

\*

12). — *Ofício n.º 3056 de 5 de maio de 1955 ao Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo ao Chefe do 4.º Distrito do DPHAN-MEC.*

*Gabinete do Reitor.*

Proc. n.º 3591-55.

Of. 3056.

São Paulo, 5 de maio de 1955.

Senhor Diretor.

Reiterando os termos de ofício sob n.º 986, de 10-2-55, pelo qual foi transmitido a V. Excia. cópia do ofício enviado à Reitoria pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desta Universidade, cujo assunto diz respeito às ruínas de histórico engenho de açúcar, situadas entre Santos e São Vicente e autenticadas por essa Diretoria, tenho a honra de solicitar suas dignas determinações no sentido de serem atendidas as pretensões do aludido Instituto Universitário.

Grato antecipadamente pela atenção que se dignar de dispensar ao presente, valho-me do ensêjo para reiterar-lhe protestos de elevada consideração.

a) *Alípio Corrêa Netto* — Reitor.

Exmo. Sr. Dr. Luis Saia.

D.D. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

\*

13). — *Carta de 21 de janeiro de 1957, do Sr. Otávio Ribeiro de Araújo ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.*

Santos, 21 de janeiro de 1957.

Ilmo. Sr. Dr. Eurípedes Simões de Paula.

DD. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Saudações.

*São Paulo.*

Tive hoje a satisfação de receber a visita de Da. Maria Regina da Cunha Rodrigues, preclara Professora de História do Brasil e ex-aluna dessa Faculdade que, de há muito, vem se dedicando às pesquisas em torno da restauração do primeiro engenho de cana instalado na Capitania de São Vicente, por Martim Afonso de Sousa e mais tarde explorado pelos irmãos Erasmos, organização essa que distribuiu para todos os quadrantes do Brasil a cana de açúcar.

A área reservada para a proteção ou restauração do Engenho mede 3.320,00 ms<sup>2</sup> e está situada, isoladamente, em meio do loteamento em aprovação da Prefeitura Municipal de Santos, cuja planta tive oportunidade de oferecer um exemplar a Da. Regina, há meses passados.

Tratando-se de restauração ou proteção de um monumento histórico que deveria merecer a máxima atenção dos poderes competentes, para que não desapareçam de todo as ruínas daquilo que foi o precursor de um dos produtos que tem enriquecido o nosso Brasil, reputo de suma importância que o Governo, bem como particulares, se reunam em esforço conjunto no sentido de tornar realidade a reconstrução do Engenho em apreço.

Segundo disse em minha carta de 13 de novembro pp., dirigida a Da. Maria Regina, os documentos que poderiam prestar grande auxílio para a elucidação das pesquisas, acham-se em Cartório, onde poderão ser estudados e certamente revelarão dados para a reconstituição da história econômica e social do Brasil.

Tratando-se da preservação de um monumento histórico julgo que o trabalho de pesquisas que vem sendo realizado, com muita dedicação e patriotismo, deve merecer todo o apoio do Sr. Governador que vem demonstrando, com as suas magníficas realizações, o interesse que toma por tudo quanto seja para o engrandecimento do nosso Estado.

Finalmente, atendendo ao pedido de informação do Conselho Universitário feito a V. S. e que me foi apresentado por Da. Regina, cumpre-me declarar que o valor mínimo da área a ser doada ao Estado de São Paulo, por intermédio de Da. Regina, para o seu trabalho, pioneiro, sobre a proteção ou restauração das ruínas do Engenho São Jorge, é de Cr\$ 1.000.000,00 (hum milhão de cruzeiros), sendo que a escritura, oportunamente, poderá ser passada em Santos, no Cartório onde existe toda a documentação respectiva.

Assim me manifestando, espero que V. S. não deixe de amparar a continuação das pesquisas, para que possamos ver em breve realizado um dos meus sonhos, como brasileiro interessado pelas coisas antigas e da esforçada Professora Da. Regina da Cunha Rodrigues, que com tanto carinho, vem se dedicando a esses estudos.

Com tôda a consideração, subscrevo-me,

Atenciosamente,

*Otávio Ribeiro de Araújo.*

\*

- 14). — *Ofício n.º 2317, de 22 de agosto de 1957 do Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ao Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.*

São Paulo, 22 de agosto de 1957.

Of. n.º 2317.

Magnífico Reitor:

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Magnificência anexo ao Processo n.º 3591-55 dessa Reitoria a minuta de doação do Engenho dos Erasmos, situado no Município de São Vicente, solicitando as dignas providências de Vossa Magnificência no sentido de submetê-la à apreciação dos órgãos competentes dessa Reitoria.

Valho-me do ensêjo para reiterar a Vossa Magnificência os protestos de minha alta estima e distinta consideração.

a) *E. Simões de Paula* — Diretor.

Ao Exmo. Sr. Prof. Dr. Gabriel Teixeira de Carvalho.

Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.

\*

- 15). — *Ofício n.º 390, do Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo ao Ministro das Relações Exteriores.*

São Paulo, 20 de julho de 1956.

GR-390.

Senhor Ministro.

Tenho a honra de vir à presença de V. Excia. no sentido de apresentar a portadora, Profa. Maria Regina da Cunha Rodrigues, que está realizando um trabalho de pesquisa para a restauração do Engenho de São Jorge dos Erasmos.

Todavia, para concluir êsse trabalho necessita a portadora de indicações, que, segundo informações verbais, existem no Arquivo do Duque de Ursel (último descendente dos Schetz).

Assim sendo, solicito os bons ofícios de V. Excia. no sentido de, na medida do possível, facilitar à interessada a obtenção de microfímes dessa documentação, ou certidão negativa da mesma.

Agradecendo a atenção que V. Excia. houver por bem dispensar, apresento-lhe os protestos de minha alta consideração.

a) *Alípio Corrêa Netto* — Reitor.

Exmo. Sr. Doutor José Carlos de Macedo Soares.  
Digníssimo Ministro das Relações Exteriores.

*Distrito Federal.*

\*

16). — *Ofício n.º 34-55 de 25 de maio de 1955 do Chefe do 4.º Distrito do DPHAN-MEC ao Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.*

Ministério da Educação e Cultura.

4.º Distrito da DPHAN.

Of. 34-55.

São Paulo, 25 de maio de 1955.

Do Chefe do 4.º Distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Ao Senhor Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo.

Assunto: ruínas de histórico engenho de açúcar.

Magnífico Reitor.

Em resposta ao vosso ofício n.º 3056, de 5 de maio de 1955, e relativo aos "restos" de antigo engenho de açúcar existente na ilha de Santos, cabe a este Distrito enviar-vos cópia da resposta enviada ao ofício n.º 986, de 10-2-55, resposta essa entregue em mãos e possivelmente extraviada.

Com relação aos termos do ofício resposta acima citado, ocorre acrescentar que a peritagem de que trata o item *c* talvez convenha seja feito pelo regente da cadeira de Arquitetura no Brasil, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Não só essa alternativa apresenta o interesse de trafegar com pessoa da Universidade mas também parece mais adequada, pois o referido professor, pela natureza da função que exerce, estará certamente aparelhado para receber tal incumbência.

E' evidente entretanto, que essa alternativa não invalida a disposição de colaborar desta Chefia, inclusive quanto ao referido item *c*.

Atenciosamente,

a) *Luis Saia* — Chefe do 4.º Distrito da DPHAN.

Ao Senhor

Dr. Alípio Corrêa Netto.

DD. Reitor da Universidade de São Paulo.

\*

17). — *Ofício de 6 de novembro de 1956 do Cônsul do Brasil em Antuérpia, ao Cônsul Geral da Bélgica em São Paulo (38).*

Consulado Geral do Brasil — Antuérpia.

CE/14.

Antuérpia, em 6 de novembro de 1956.

Ilmo. Sr.  
Maurice Weckx,  
Consulado Geral da Bélgica,  
São Paulo — Brasil.

Senhor Cônsul Geral e Caro Colega.

Em resposta à sua carta de 25 de outubro findo, tenho a comunicar-lhe que os documentos da família Schetz foram objeto de pesquisa por parte do Vice-Cônsul neste Consulado Geral, Senhor Henrique de Araújo Mesquita. A pesquisa foi feita a pedido do Ministro de Estado das Relações Exteriores, Senhor José Carlos de Macedo Soares e os resultados do trabalho de busca dos documentos já foram transmitidos ao Chanceler brasileiro.

A família Schetz é a família do Duque d'Ursel e os documentos de interesse histórico dos d'Ursel foram doados pelo atual Duque aos Arquivos do Reino da Bélgica (39). Não é possível, no momento, ter-se acesso direto aos arquivos dos d'Ursel porque eles estão em desordem, depositados num porão do antigo prédio dos Arquivos do Reino, em Bruxelas, que está sendo gradualmente destruído. A zeladora dos papéis dos d'Ursel, Mlle. Le Jour, declarou ao Vice-Cônsul Mesquita que ele só poderá compulsar os documentos passado um período de seis meses, no mínimo. O fichário (40) referente aos arquivos mostra, no entanto, que quase todos os documentos dizem respeito a bens que Gaspar Schetz possuía no Brabante no século XVI. Fomos informados de que o Professor de História da Universidade da Califórnia, Eugène Fluiter (41) (Universidade da Califórnia, Berkeley, U.S.A.) procurou entre os papéis dos d'Ursel documentos que tratassem do Engenho dos Erasmos e nada encontrou. Seria interessante dirigir-se a Senhora Maria Regina da Cunha Rodrigues diretamente a esse Professor de História, que deve ter valiosas informações a respeito das relações dos Schetz com o Brasil.

E' admissível que os documentos que descrevem o Engenho dos Erasmos se encontrem em Lisboa (42), onde os Schetz mantinham um ativo escritório comercial.

Este Consulado Geral vai procurar obter a fotografia e dados biográficos do atual Duque d'Ursel, bem como um livro por ele escrito com a genealogia dos d'Ursel e dos Schetz.

---

(38). — Cópia no Processo 251-55 da FFCL.

(39). — Parece ponto pacífico haver sido esta a primeira informação positiva em relação a existência, como também da localização da famosa documentação antuerpiana relacionada com o Engenho São Jorge dos Erasmos.

(40). — Lamentavelmente foi a primeira e única notícia sobre o acesso a um fichário de existência, até então, problemática.

(41). — Tomando conhecimento da sugestão acima, procuramos direta e indiretamente, através do Consulado Geral dos Estados Unidos nesta capital, provocar um contacto com o Prof. Eugène Fluiter e, até o presente momento, nada conseguimos.

(42). — Quanto à eventual pista lisboeta, o Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras recorreu aos bons officios do Consulado Geral de Portugal, nesta Capital, recebendo a informação, cuja cópia transcrevemos em seguida.

Ficamos à disposição da Professôra Maria Regina da Cunha Rodrigues para quaisquer outros esclarecimentos.

Aproveito a oportunidade para renovar os protestos da perfeita estima e distinta consideração com que me subscrevo,  
de Vossa Senhoria  
muito cordialmente

a) *Oswaldo Tavares* — Cônsul Geral.

34, Chaussée de Malnes  
Anvers — Belgique.

\*

18). — *Ofício de 18 de maio de 1957 do Cônsul de Portugal em São Paulo, ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.*

São Paulo, 18 de maio de 1957.

Consulado de Portugal.  
Caixa Postal 7094.  
São Paulo — Brasil.

Proc. 7,0-4-57.  
N.º 2-3.

Exmo. Sr.

Professor Doutor Eurípedes Simões de Paula.  
M.D. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.  
*Capital.*

Senhor Diretor:

Com referência ao ofício dessa Faculdade n.º 306, de 6 de dezembro último, tenho a honra de transmitir a V. Excia. a seguinte informação do Diretor do Arquivo Histórico do Ultramar sôbre o resultado das pesquisas efetuadas acêrca do engenho de São Jorge dos Erasmos:

“Tenho a honra de informar que, após morosas e exaustivas pesquisas, não foi possível encontrar neste Arquivo qualquer documentação relativa ao engenho de São Jorge dos Erasmos.

O fato negativo das pesquisas a que mandei proceder, não me causou grande estranheza, porquanto a fundação de tal engenho data do século XVI e, desta centuria, é excassa neste Arquivo, a documentação relativa a antigas Capitania de São Vicente.

Por outro lado, é sabido que, até 1603 São Jorge dos Erasmos pertenceu aos Schetz, cuja família manteve relações de amizade com os padres da Companhia de Jesus, na vila de São Vicente.

Sabe-se que os padres da Companhia de Jesus, no Brasil, “iam visitar os engenhos e fazendas, onde houvesse almas a salvar. A igreja do engenho de São Jorge foi muitas vêzes visitada por eles e até se prende a ela uma graça que Anchieta teria ali recebido”.

O Padre Serafim Leite diz, em notas a esta sua informação, o seguinte:

"Pero Rodrigues. *Anchieta*, em "Annaes", XXIX, 228. 61. Vasc., *Anchieta*, 139. Este engenho pertencia aos Schetz, nobre família de Flandres.

"Ignoro, porém, se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, ou no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma, haverá possibilidade de encontrar alguns papéis relativos àquele engenho".

E o Cônsul conclui:

"Esclareço igualmente V. Exa. que o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, consultado sobre o assunto, respondeu que "se procedeu à buscas nos inventários de várias coleções deste Arquivo, entre as quais a da feitoria portuguesa de Antuérpia, e nada foi encontrado respeitante ao "Engenho de São Jorge dos Erasmos", aos Schetz, etc."

Aproveito esta oportunidade para apresentar a V. Exa. os protestos de minha elevada consideração.

O Cônsul,

a) *Adriano de Carvalho*.

\*

19). — *Ofício de 31 de maio de 1957, do Vice-Cônsul do Brasil em Antuérpia, ao Cônsul Geral da Bélgica em São Paulo (43)*.

Consulado Geral do Brasil — Antuérpia.

34, Chaussée de Malines.

CE-33.

Antuérpia, em 31 de maio de 1957,

Senhor Cônsul Geral Maurice Weckx.

Este Consulado Geral dirigiu a Vossa Senhoria, em 6 de novembro de 1956, uma carta sobre as relações da família Schetz de Antuérpia com Portugal e com o Brasil. Sugeriu-se nessa carta que a Professora Maria Regina da Cunha Rodrigues solicitasse a um professor da Universidade da Califórnia maiores esclarecimentos sobre a questão. Não tivemos mais notícias das pesquisas empreendidas para descoberta de documentos que tratem do Engenho dos Erasmos, nem do projeto de construção no Brasil de um museu dedicado à história da cana de açúcar.

Muito agradeceria a Vossa Senhoria o obséquio de comunicar-me o que souber sobre esses assuntos. Embora o faça com atraso, envio a Vossa Senhoria os dados biográficos solicitados pelo Senhor Simões de Paula, da Universidade de São Paulo.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria os protestos de minha perfeita estima e consideração.

a) *Henrique A. de Araújo Mesquita* — Vice-Cônsul.

Encarregado do Consulado Geral.



Ao Senhor Maurice Weckx,  
Cônsul Geral da Bélgica.  
São Paulo.

\*

20). — *Dados biográficos do atual Duque d'Ursel, descendente de Erasmo Schetz* (44).

Henri, 8e Duc d'Ursel, fils du 7e Duc Robert et de son épouse Sabine de Franqueville, tous deux décédés.

Succéda à son Père le 16 avril 1955.

Né à Bruxelles le 18 novembre 1900.

*Études*: École Abbatiale de Maredsous; Lycée Janson de Sailly à Paris;  
Ampleforth College, Angleterre.  
Doctorat en droit: Université de Louvain.

*Activité*: 1) *Professionnelle*:

Administration de Banques. Est administrateur de la Banque de Bruxelles et Administrateur-Délégué de la Caisse Privée.

2) *Extra-professionnelles*: questions artistiques et culturelles.

Est:

— Fondateur et Président de l'Écran du Séminaire des Arts à Bruxelles.

— Fondateur et Vice-Président de la Cinémathèque de Belgique.

— Administrateur du Festival Mondial du Film et des Beaux-Arts de Belgique.

— Membre du Comité de Patronage des Musées Royaux.

— Membre de la Libre Académie de Belgique (dite Académie Picard).

*Marié*: 1) à Paris en 1923 à Antoinette, Princesse de La Trémoille, soeur du 13e et dernier Duc de La Trémoille et de Thonars (mariage annulé en cour de Rome en 1936).

*Enfants*: 1. Thérèse, épouse du Comte Jacques d'Oilliamson, née en 1924.

2. Antonin, Comte d'Ursel, né en 1925.

3. Roland, Comte d'Ursel, né en 1926, marié à la Comtesse Rose de Meeus d'Argenteuil.

2) à Bruxelles, en 1940, à Madeleine André, fille de Franz André, premier chef de l'Orchestre National de Belgique, décédée accidentellement le 12 août 1956.

*Enfants survivants*: 4. Léopold, Comte d'Ursel, né en 1942.

5. Pascal, Comte d'Ursel, né en 1944.

6. Quentin, Comte d'Ursel, né en 1946.

*Résidences*: Hôtel d'Ursel à Bruxelles et Château de Hingene, Province d'Anvers".

(44). — Os dados acima foram enviados pelo Sr. Henrique A. de Araújo Mesquita, Vice-Cônsul do Brasil em Antuérpia.

\*

21). — *Carta de 2 de setembro de 1960, do Duque de Ursel à autora destas notas (45).*

“Le Duc d’Ursel.

rue d’Edimbourg 28. 12-16-94.

Bruxelles, 2 septembre 1960.

Mademoiselle,

Je vous avais promis de m’informer à Anvers, et reçois de Monsieur Bertrand, Directeur de la Banque de Paris et des Pays Bas, une lettre contenant les deux paragraphes suivants:

“Après quelques recherches à Anvers, je puis vous signaler que le bureau d’archives de la Ville d’Anvers détient une notice historique et scientifique sur le raffinage et les raffineurs de sucre à Anvers, par Donnet, dans laquelle se trouvent mentionnés les noms de Jaspas et Melchior Schetz en tant que fondateurs en 1559 à St Vincent, colonie portugaise au Brésil, d’une sucrerie et d’un moulin à sucre. Cette indication se trouve complétée par un ouvrage édité en 1885 par le Révérend Père F. Kiekens S. J., sur le sujet “ Une sucrerie anversoise au Brésil”. Toute cette documentation est actuellement détenue par l’Institut Supérieur de Commerce St Ignace, rue des Princes, à Anvers, où elle peut être consultée.

Au cas où la jeune étudiante brésilienne serait désireuse de rencontrer le Révérend Père Directeur de l’Institut Supérieur de Commerce, je me ferais un plaisir d’introduire auprès de celui-ci, ce dernier nous étant très connu”.

Comme je suppose que vous ne venez pas en Belgique, puis-je vous suggérer d’écrire, en vous recommandant de Monsieur Bertrand et de moi-même, au Révérend Père Directeur de l’Institut Supérieur de Commerce St Ignace, rue des Princes à Anvers, en lui précisant ce qui vous intéresse le plus.

Je ne suppose pas qu’il puisse vous prêter le livre, qui a entièrement trait à cette entreprise, mais peut-être a-t-il un élève assez complaisant pour en extraire à votre profit, avec ou sans une petite rémunération, les renseignements qui vous intéresseraient le plus.

Voici, aussi comme vous me l’avez demandé, les photos du Chateau de Hingene (province d’Anvers) et la mienne.

Croyez, je vous prie, Mademoiselle, à l’assurance de mes sentiments dévoués et respectueux.

a) Ursel

Mademoiselle Maria Regina da Cunha Rodrigues

Rua Frei Caneca, 972

Bela Vista

São Paulo

BRÉSIL”.

\*

\*

\*

C). — DOAÇÃO À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

1). — *Parece n.º 287-55 da Consultoria Jurídica da Universidade de São Paulo.*

PARECER

Nº 287/55.

PRR/aac.

Senhor Consultor Jurídico-Chefe.

Trata êste processo, de interêsse da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da doação do Engenho dos Erasmos, situado no Município de São Vicente, à Universidade de São Paulo, destinando-se àquela Faculdade.

A documentação dos autos com respeito ao interêsse dessa doação para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, é copiosa, estando mesmo nela empenhado Sua Excia. o Sr. Governador do Estado (vd. r. despacho de fls. 70).

Do ponto de vista jurídico não há, evidentemente óbice à doação especificada, que poderá, inclusive, obedecer aos termos da Minuta de fls., oferecida pela Faculdade interessada.

Quanto ao mérito, a matéria é da competência privativa do Egrégio Conselho universitário, consoante o disposto no item 7º, artigo 56 dos Decretos nº 39/1934, *erbis*".

"Art. 56 — São atribuições do Conselho Universitário:

.....  
7º — resolver sobre a aceitação dos legados e donativos.  
.....

Opinamos, pois, pelo encaminhamento dos autos àquela Egrégio Orgão.  
São Paulo, 12 de setembro de 1957.

a). — *Paulo Roberto Rodrigues*  
Auxiliar Especializado

\*

2). — *Parecer datado de 21 de setembro de 1957 da Comissão de Orçamento e Regência Patrimonial.*

Processo nº 3591/55.

*Interessado:* Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Cuida o presente processo da doação, por particular, ao patrimônio histórico da Universidade de São Paulo do Engenho de São Jorge dos Erasmos, situado no Município de São Vicente.

O senhor Auxiliar Especializado da Consultoria Jurídica da Reitoria da Universidade de São Paulo, em face da documentação que enriquece os autos, opina que "Do ponto de vista jurídico não há, evidentemente, — óbice à doação especificada", (Fls. 82). Esta é também a nossa opinião.

Trata-se, entretanto, de doação condicional e para que ela se efetive de modo definitivo, exige o doador, como lhe cabe, que dentro de cinco (5) anos promova o donatário, diretamente ou com o auxílio de terceiros, a restauração ou proteção dos restos do primitivo engenho.

Para maior salvaguarda dos interesses do Estado, opinamos pela retirada, na minuta apresentada em fls. 79, da expressão “tal qual existiu no passado”. Se forem os restos do engenho apenas protegidos, aquela expressão torna-se desnecessária, se restaurados, de difícil juízo.

Como membro *ad-hoc* da Comissão de Orçamento e Regência Patrimonial recomendamos se efetive o mais rapidamente possível a doação do que trata o presente processo, por se tratar de uma aquisição valiosa, de alto interesse patrimonial e que não acarreta onus para o Estado.

Êste é o nosso parecer s.m.j.

São Paulo, 21de setembro de 1957.

a). — *Dr. Yaro Ribeiro Gandra*

Membro “ad-hoc” da Comissão de Orçamento e Regência Patrimonial — RELATOR

b). — *Érico da Rocha Nobre* — Revisor

Resolução: “aprovado unânime em Sessão de 7-10-1957

a). — *Julio M. Stamato*”.

\*

3). — *Ofício n.º 2372, de 16 de outubro de 1957 do Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ao Professor Catedrático de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.*

Senhor Professor:

Tenho a satisfação de apresentar a V. Excia. a Professora Maria Regina da Cunha Rodrigues, adida à Cadeira de História Antiga e Medieval que, conforme tive oportunidade de comunicar a V. Excia. está realizando as pesquisas referentes à proteção ou a restauração do Engenho São Jorge dos Erasmos.

Com relação à doação das terras onde se acham as ruínas do referido Engenho, aprez-me comunicar a V. Excia. que a minuta de doação à Universidade de São Paulo foi unanimemente aprovado pelo Conselho Universitário em 7-10-57.

É desnecessário frizar a V. Excia. a importância e o significado dessa doação, basta dizer que é a primeira vez que uma pesquisa histórica encontra apoio da parte de particulares, como é o Sr. Octávio Ribeiro de Araújo, proprietário das terras em questão.

Assim sendo, tomo a liberdade de vir à presença de V. Excia. a fim de solicitar seus bons ofícios junto à Associação dos Usineiros de São Paulo no sentido de que seja confirmado o pronunciamento dos usineiros para o financiamento dos trabalhos já em andamento.

Contando com a colaboração de V. Excia. e agradecendo antecipadamente as providências que V. Excia. houver por bem determinar, valho-me do ensejo para reiterar-lhe os protestos de minha alta estima e distinta consideração.

E. Simões de Paula  
Diretor

Aô. Exmo. Senhor Professor Doutor Luiz Antônio da Gama e Silva, DD. Catedrático de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

\*

4). — *Circular de 21 de dezembro de 1957, do Secretário Geral da Reitoria da Universidade de São Paulo, à imprensa falada e escrita da Capital (46).*

#### 4º CENTENÁRIO DA ESCRITURA DO ENGENHO DE SÃO JORGE DOS ERASMOS.

Dia 30 do corrente às vinte e trinta horas, no salão nobre da Câmara Municipal de Santos, realizar-se-á a cerimônia da escritura do Engenho de São Jorge dos Erasmos, doado pelo Srs. Octávio Ribeiro de Araújo, Alfredo de Almeida Barros e Octávio Ribeiro de Araújo Filho à Universidade de São Paulo, representada pelo Magnífico Reitor, Prof. Dr. Gabriel Teixeira de Carvalho.

A solenidade revestir-se-á de um sentido especial pelas seguintes razões:

1. — segundo consta de documentação compulsada por estudiosos do nosso passado colonial, o traslado da escritura do Engenho de São Jorge dos Erasmos, foi registrada em São Vicente no ano de 1557, e lavrada em Lisboa pelo escrivão Pero Capig<sup>o</sup>;

2. — as ruínas do Engenho de São Jorge dos Erasmos constituem, de acordo com o testemunho do Prof. Luis Saia, Chefe do 4º distrito do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, os mais antigos remanescentes quinzentistas conhecidos, existentes no Brasil;

3. — a expressiva doação de uma área de cerca de 4000 metros quadrados, de valor mínimo de Cr\$ 1.000.000,00 (hum milhão de cruzeiros), além de provar e comprovar a eficiência de um trabalho sobre as venerandas ruínas, corresponde a primeira receptibilidade concreta que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, encontrou da parte de particulares, em decorrência de uma pesquisa histórica realizada por membros de seu corpo docente e discente. Provavelmente o precedente aberto pelo paulista Octávio Ribeiro de Araújo, encontrará seguidores, a fim de que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo possa realizar uma de suas finalidades precípuas: a pesquisa; pois "o Brasil não é pobre em tradições, é pobre o culto às tradições".

Essa foi a tese defendida pela antiga aluna da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Professora catedrática de História, atualmente adida à Cadeira de História Antiga e Medieval da mesma Faculdade, Maria Regina da Cunha Rodrigues no apêlo que, pelas colunas do *O Estado de S. Paulo*, lançou às autoridades, aos particulares, especialmente aos usineros paulistas, em

prol da proteção ou restauração do primeiro engenho de açúcar brasileiro e, talvez, americano.

Cumprir lembrar que o problema das ruínas do Engenho de São Jorge dos Erasmios foi focalizado por cronistas, historiadores e intelectuais paulistas.

Mas é de justiça ressaltar que a pronta e decidida receptibilidade de particulares, decorreu do apêlo acima citado. Manifestaram-se, favoráveis, o então presidente da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, o então presidente da Associação dos Usineiros Paulistas, o Sr. Fúlvio Morganti, o presidente da Associação Paulista dos Escritores, Sr. Paulo Duarte e o proprietário das terras onde estão encravadas as ruínas, Sr. Octávio Ribeiro de Araújo. Êste em carta datada de 4 de novembro de 1954, endereçada ao Dr. Antônio Augusto Meneses de Drummond, da Sociedade de Estudos Históricos e designado pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, — para presidir os trabalhos iniciais, — manifestou sua disposição de cooperar com o trabalho iniciado sobre a proteção de restauração das ruínas do Engenho de São Jorge dos Erasmios, doando a área necessária, desde que o projeto se concretizasse de maneira efetiva. Ao mesmo tempo que, em ofício enviado à pesquisadora, foi colocado o problema do orçamento necessário para o custo total da obra, solicitado pela Associação dos Usineiros de São Paulo, inclinados ao financiamento da mesma. Problema cuja solução estaria na dependência de ser encontrada uma documentação minuciosa ou mesmo iconográfica sobre o referido Engenho; ao lado de um agenciamento dos “restos” existentes. Assim foi que entrou-se em contacto com os responsáveis pelos arquivos lisboetas e principalmente com o Duque d’Ursel, descendente direto de Erasmo Schetz, dos primeiros proprietários do Engenho, residente em Antuérpia e que já manifestou sua intenção de enviar ao Brasil, toda a documentação referente ao mesmo, — o que representa muito por se tratar do século XVI, sobre o qual quase nada existe. Essa alviçareira “ponta de lança”, foi conseguida tanto por intermédio do Itamarati, como também graças aos bons ofícios do Sr. Maurice Wecks, cônsul geral da Bélgica em São Paulo, intermediário de correspondência com os representantes brasileiros em Antuérpia: Srs. Cônsules: Oswaldo Tavares e Henrique A. de Araújo Mesquita.

Enquanto que, de outro lado foi iniciada uma pesquisa na volumosa documentação que se encontra nos arquivos públicos e particulares tanto desta Capital, Santos e Rio de Janeiro, a fim de ser encontrada uma pista segura a facultar em bases rigorosamente científicas, um orçamento provável, seja para a restauração, seja para a proteção dos “restos” do Engenho de São Jorge dos Erasmios. Nesta ou naquela solução, levantar-se-á ao lado das ruínas, um Museu sobre a tecnologia do açúcar, com *maquettes* de engenhos da mesma época. Concretizado o projeto que será executado pelos alunos da Cadeira de Arquitetura do Brasil da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, transformar-se-á o local em centro de atração turística, de inegável alcance didático, pelo fato de se tratar de uma das mais belas tradições de nossa grande terra.

Compreendendo tudo isto, o proprietário das terras, Sr. Octávio Ribeiro de Araújo, considerado, com justiça, por todos aquêles que conhecem suas notáveis qualidades de espírito e coração, — um autêntico valor moral, sem nada exigir em troca — escreveu ao Prof. Eurípedes Simões de Paula, uma significativa carta, colocando à disposição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, toda a área

necessária ao trabalho sobre o Engenho de São Jorge dos Erasmos. Nessa carta que se encontra instruindo o processo 3591/55 sobre o Engenho de São Jorge dos Erasmos, na Reitoria da Universidade de São Paulo, o doador, Sr. Octávio Ribeiro de Araújo, declara que seu gesto fôra uma decorrência do trabalho realizado, com dedicação, eficiência e elevado espírito público pela antiga aluna da Faculdade, Da. Maria Regina da Cunha Rodrigues, por intermédio de quem, estava disposto, assim como seus sócios, os Srs. Alfredo de Almeida Barros e Octávio Ribeiro de Araújo Filho, num Cartório de Santos onde se encontra tóda a documentação sobre o imóvel, em data a ser estipulada.

Conhecedores do gesto do Sr. Octávio Ribeiro de Araújo, manifestaram-se, em entrevistas concedidas *A Gazeta*, o bispo diocesano de Santos D. Idílio José Soares e o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, o Prof. Mariano Laet Gomes.

Como se sabe, a Faculdade de Filosofia não possui patrimônio próprio, e a carta do Sr. Octávio Ribeiro de Araújo foi enviada à Reitoria da Universidade de São Paulo, onde teve início o processo de doação. Depois da declaração do Dr. Paulo Roberto Rodrigues, advogado adido à Consultoria Jurídica, de que "Do ponto de vista Jurídico não há, evidentemente, óbice à doação especificada, os autos foram devidamente encaminhados ao Conselho Universitário, habendo o Magnífico Reitor designado o Conselheiro Prof. Dr. Yaro Ribeiro Gandra, membro *ad-hoc* da Comissão de Orçamento e Regência Patrimonial, para opinar sobre o recebimento da doação.

Do relatório do Prof. Yaro Ribeiro Gandra, destacar-se-á, o trecho final em que declara: "Como membro *ad-hoc* da Comissão de Orçamento e Regência Patrimonial recomendamos se efetive o mais rapidamente possível a doação de que trata o presente processo, por se tratar de uma aquisição valiosa, de alto interesse patrimonial e que não acarreta ônus para o Estado".

Esse relatório que tem como revisor o Prof. Dr. Érico da Rocha Nobre, apresentado à sessão de 8 de outubro p.p., foi aprovada por unanimidade, havendo sido o processo encaminhado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para as devidas providências.

Formulada e aprovada a minuta, o Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Gabriel Teixeira de Carvalho, determinou que se estabelecesse contacto com o doador, Sr. Octávio Ribeiro de Araújo, a fim de que a escritura fôsse lavrada, de preferência no dia 30 p. f., ainda no ano de seu IV Centenário.

Tendo em vista o alto significado do empreendimento, o Secretário Geral da Universidade de São Paulo, Dr. Júlio Mario Stamato, esteve em Santos, para comunicar oficialmente ao Sr. Octávio Ribeiro de Araújo a decisão do Egrégio Conselho Universitário e solicitar providências para ser lavrada a escritura ainda este ano de 1957, ano do 4º Centenário da 1ª escritura do Engenho de São Jorge dos Erasmos, lavrada em Lisboa, ficando, então, designado para tal fim o dia 30 de dezembro corrente, às 20,30 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Santos, gentilmente cedido por seu Presidente, graças à solicitação do Dr. Mariano Laet Gomes, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico daquela cidade" (47).

---

(47). — Por motivo de força maior a cerimônia foi adiada e realizou-se no dia 31 de janeiro de 1958, no mesmo local e no horário previsto.

Sr. Redator.

Pela divulgação que der à notícia supra agradece,  
Atenciosamente

a). — *Julio Mario Stamato*  
Secretário Geral da Universidade de São Paulo.

\*

5). — *Carta de 27 de janeiro de 1958 do Sr. Octávio Ribeiro de Araújo à autora destas notas (48).*

Santos, 27 de janeiro de 1958.

Exma. Srta. Maria Regina da Cunha Rodrigues.

Rua Frei Caneca, 972.

São Paulo, *Capital*.

Saudações.

De acôrdo com o que me foi transmitido por intermédio do Sr. Dr. Edgard Falcão, bem como pelo telefonema de sábado p.p., dia 25 do corrente, ficou definitivamente dilatado, de dois para cinco anos, o prazo de perempção da doação, para o caso de não ser o imóvel aproveitado para os fins para os quais foi feita a doação, objeto de minha carta de 20 do atual, ficando assim plenamente ratificado o entendimento havido sôbre o assunto, o que pelo presente confirmo e ratifico.

Logo após o telefonema de sábado p.p., a que me refiro acima, consegui comunicar-me com o Snr. Mariano Laet Gomes, tendo êste informado que a escritura poderá ser passada no dia 31 do corrente, às 8,30, no salão nobre da Prefeitura Municipal de Santos, solicitando o Sr. Mariano confirmação por parte dos donatários, a fim de não haver mais qualquer contratempo, assim como pede lhe sejam enviados os nomes das pessoas que deverão estar presentes à solenidade, pois, pretende fazer publicação nesse sentido. Como vê V. Excia. é providência que dispõe de curtíssimo prazo, motivo pelo qual penso ser imprescindível um entendimento urgente entre os donatários e o snr. Mariano Gomes, o que deixo a seu cuidado.

Acha-se, portanto, tudo em condições de poder ser a escritura outorgada livremente, com todos os requisitos necessários a serem incluídos oficialmente na doação, a exceção de uma pretensão minha, que muito desejaria constasse do processo em curso, referente à transmissão da propriedade da área onde se encontram as ruínas do Engenho SÃO JORGE DOS ERASMOS, condição esta que não se destina a fazer parte da escritura de doação por uma questão de ética dos doadores, mas que, inserta no processo, poderia constituir um compromisso de maior fôrça do que de escritura, uma vez que se trata de HONRAR A PALAVRA EM-



PENHADA entre as partes interessadas, para o que faço as considerações e exponho o que se segue:

Foi o sítio SÃO JORGE adquirido por Octávio Ribeiro de Araújo, Octávio Ribeiro de Araújo Filho e Alfredo de Almeida Barros, 3/4 partes ideais de Edgard de Toledo, por escritura lavrada no 6º Tabelião de Santos, Livro 241, fls. 29 verso, em 21 de abril de 1943, e 1/4 parte por carta de arrematação, fls. 644 dos autos de falência de N. R. Santos & Cia., processado no Cartório do 1º Ofício de Santos, cuja propriedade tem dado aos seus atuais proprietários exaustivo trabalho e enormes despesas para remover todos os litígios e dúvidas suscitadas por terceiro, com referência à dita propriedade, importando tais gastos em quantia maior do que a dispendida para a aquisição das mesmas. Agora, não havendo mais, há muito tempo, qualquer litígio, dúvidas ou questões sobre o imóvel, projetaram os seus proprietários um loteamento sobre parte do mesmo, não o tendo levado a efeito por terem de concluir outro loteamento que se situa entre o Sítio de SÃO JORGE e a Estrada de Rodagem que vai de Santos a São Vicente.

Os atuais proprietários, Octávio Ribeiro de Araújo e outros, sempre tiveram conhecimento das ruínas do ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS, tanto assim que, no loteamento projetado, isolaram tais ruínas em uma quadra em separado, de vez que sempre foi seu pensamento, preservá-las por qualquer maneira, mesmo sem auxílio dos poderes públicos ou quaisquer outras entidades, isto às exclusivas expensas suas, segundo pode ser constado na respectiva planta do loteamento.

Posteriormente, tendo tido oportunidade de entrar em contacto com a Exma. Srta. Professora D. Maria Regina da Cunha Rodrigues e apreciar o seu trabalho para a perpetuação do marco inicial da primeira indústria instalada no Brasil e, muito provavelmente na América do Sul, trabalho este perseverante, incansável e de uma pertinácia incomparável, resolveram os atuais proprietários, a instância e por iniciativa de D. Maria Regina, fazer a doação, objeto do assunto em lido.

Pelo longo tempo que dura o trabalho de D. Maria Regina, estão convencidos que, considerado o esforço, a competência, profundo conhecimento do assunto e modo carinhoso e, por, assim dizer, apaixonado com que sempre tratou e se interessou pelo assunto, o que continua fazendo com obstinação, ninguém melhor do que ela estará a altura de levar avante, até o término o que foi pela mesma tão bem iniciado, com tão bom sucesso, esperando os doadores que seja essa, também, a opinião dos donatários, indicando-a para tal incumbência, com o que terão feito, como lhes é peculiar, inteira justiça por merecimento incontestável e entregue em mãos hábeis e seguras, a efetivação da finalidade para a qual foi feita a doação em causa.

Pelo exposto, esperam que constitua a nomeação de D. Maria Regina Rodrigues digo Maria Regina da Cunha Rodrigues para ficar a testa de todas as providências que se façam necessárias, até final conclusão do projetado no local da doação, um ato que possa fazer parte do respectivo processo em curso, com valor do compromisso assumido pelos donatários para com os doadores.

Sei, Da. Maria Regina, que a propositura que acabam de fazer os proprietários do Sítio São Jorge, poderá ser interpretada como colocado-a em situação embaraçosa, por ser V. Excia, a indicada. No entanto, não terá V. Excia. nada mais a fazer do que entregar a presente aos donatários para ser anexada ao processo. E não terá V. Excia. outra alternativa, senão submeter-se a essa providência,

uma vez que faz parte de seus encargos para levar a bom fim o que tão brilhantemente iniciou.

Com os meus cumprimentos, subscrevo-me

Atenciosamente

a). — *Octávio Ribeiro de Araújo* (49).

\*

6). — *Ofício GR-748, de 27 de dezembro de 1962 do Reitor da Universidade de São Paulo ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. São Paulo, 27 de dezembro de 1962.*

Nº GR/748.

jrf/yg.

Senhor Diretor.

Em resposta ao seu ofício SG-516/62, de 13 de setembro último, informo a V. Ex.a que o Senhor Governador liberou, a 12 do corrente, a importância de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros), para investimento nos serviços dessa Faculdade, conforme discriminação abaixo:

VERBA 318.

INVESTIMENTOS NOS SERVIÇOS PÚBLICOS.

Item 490.I.I — Imóveis.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS.

Para atender, em parte, às despesas com a construção de uma residência para o zelador, bem como a execução de obras de restauração e reconstrução no local onde se encontram as ruínas do Engenho de São Jorge dos Erasmos no município de Santos ..... 2.000.000,00

Para o necessário controle, V. Ex.a fará o obséquio de enviar ao Plano Efetivo de Aplicação, em 2 (duas) vias, incluindo os seguintes itens:

1. — Discriminação do total liberado em duas parcelas, destinadas respectivamente a *obras novas* e a *obras de reconstrução*.
2. .. Estimativa da importância requerida para a conclusão total das obras, também discriminada em duas parcelas.
3. — Início e término previsto dos serviços.

Com elevado e distinto aprêço,

a). — *A. ULHÔA CINTRA.*

Reitor

---

(49). — No mesmo dia, 27, que me foi entregue o documento acima transcrito, pelo Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, entreguei-o ao Dr. Julio M. Stamato, Secretário Geral da Universidade de São Paulo, para as providências solicitadas, encontrando-se o mesmo anexo ao Processo 3591-55 da Reitoria da USP.

Exmo. Sr. Prof. Dr.

MÁRIO GUIMARÃES FERRI.

DD. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.  
CAPITAL.

\*

7). — *Ofício n.º 166-60 de 17 de maio de 1960, do Presidente da Associação dos Usineiros de São Paulo ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (50).*

Cópia.

Nº 166/60.

São Paulo, 17 de maio de 1960.

Senhor Diretor:

Temos o grato prazer de acusar o recebimento do ofício de V. S., no qual é solicitada a cooperação financeira deste órgão de classe, para realização de obras preliminares que visam à preservação do Engenho de São Jorge dos Erasmos, consistentes em limpeza do terreno e levantamento de pequena contribuição destinada ao alojamento permanente de um guarda-zelador.

O assunto foi submetido, na forma estatutária, à apreciação do Conselho Diretor, tendo merecido, como não podia deixar de ser, a mais alta consideração do dirigente da entidade.

Pelo Conselho Diretor foi deliberado que a Associação contribuirá, para a realização das obras acima mencionadas, dentro de suas possibilidades orçamentárias, até a quantia limite de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) tendo sido indicado o nome do ilustre consócio Dr. Paulo Nogueira Netto, para entrar em entendimentos com a diretoria dessa nobre Faculdade, quanto a forma de concretização da medida e demais detalhes.

Reiterando os nossos protestos de elevada estima e consideração, subscrevemo-nos

Associação dos Usineiros de São Paulo

a). — *Herminio Omêlto*  
Presidente

Ao Ilmo. Sr. Dr. Paulo Sawaya  
Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

\*

8). — *Escritura de doação das ruínas à Universidade de São Paulo.*

Livro nº 237.

Fôlhas 147.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.

Estado de São Paulo. Comarca de Santos.

(50). — Processo n.º 3591-55 — RUSP (flo. 167).

ROBERTO CARVALHAL.

3º Tabelião de Notas.

Cartório: — Rua 15 de Novembro nº 14. Telefone: 2-4380.

1º Traslado

Copiada por JSC.  
Conferida por JSC.

Cr\$ 1.000.000,00

SAIBAM QUANTOS esta publica escritura virem que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de *mil novecentos e cinquenta e oito*, aos *trinta e um dias do mês de Janeiro*, nesta cidade e comarca de Santos, Estado de São Paulo, em o edificio da Prefeitura Municipal de Santos, sito à Praça Mauá, onde a chamado vim, ai sendo, na sala das sessões da Câmara Municipal, às vinte e uma horas e trinta minutos, perante mim tabelião substituto ao final nomeado, compareceram partes entre si justas e contratadas, a saber: — como outorgantes *doadores*, *Octávio Ribeiro de Araújo e sua mulher dona Edith Tavares de Araújo* por êle representada nos termos da procuração já registrada neste cartório às fls. 33 do livro próprio nº 34; *Octávio Ribeiro de Araújo Filho e sua mulher dona Zuleima Pereira de Araújo* por êle representada nos termos da procuração lavrada neste cartório às fls. 72 do livro próprio nº 189 e *Alfredo de Almeida Barros e sua mulher dona Vera Araújo Barros* por êle representada nos termos da procuração lavrada neste cartório às fls. 74 V. do livro próprio b.o 198, todos brasileiros, proprietários, domiciliados e residentes nesta cidade, à Avenida Ana Costa nº 176 os quatro primeiros e à rua Cabalero nº 34 os dois últimos nomeados; e, como outorgada donatária, a *Universidade de São Paulo*, com sede na Capital dêste Estado à rua Helvétia nº 49/55 neste ato representada pelo seu Magnífico Reitor, Professor Dr. Gabriel Teixeira de Carvalho; os presentes idôneos e capazes, meus conhecidos e das testemunhas adiante nomeadas e assinadas, que também conheço, do que dou fé. E, perante as mesmas testemunhas disseram os outorgantes doadores, falando cada um por sua vez, o seguinte: — que a justo título, consoante as transcrições numeros 13.045 de 28 de abril de 1943 e 18.678 de 25 de outubro de 1954, ambas do Registro de Imóveis da 1a. Circunscrição de Santos, são senhores e legítimos possuidores em comum e maior área, na proporção de metade ideal dos outorgantes Octávio Ribeiro de Araújo e sua mulher e uma quarta parte ideal de cada um dos outorgantes Octávio Ribeiro de Araújo Filho e sua mulher e Alfredo de Almeida Barros e sua mulher, do imóvel a seguir descrito e confrontado, situado no sítio São Jorge, perímetro urbano desta cidade e comarca de Santos, primeira circunscrição imobiliária: UMA ÁREA DE TERRENO com a superfície de três mil duzentos e cinquenta metros e trinta decímetros quadrados (3.250,30 m<sup>2</sup>), constituída da totalidade da quadra "D" da planta de loteamento da "Vila Santa Terezinha" em aprovação na Prefeitura Municipal de Santos conforme processo nº 8486/54, medindo quarenta metros em linha reta, de frente para o Caminho São Jorge; quatorze metros e sessenta e cinco centímetros em linha curva no cruzamento da rua Quatro com o Caminho São Jorge; oitenta e três metros em linha reta, da frente aos fundos, ao correr da rua Quatro com a qual divide à direita; oitenta e três metros, em linha reta, da frente aos fundos, ao correr da rua Cinco, com a qual divide a esquerda; treze metros e setenta e seis centímetros em linha curva no cruzamento da rua Cinco

com o Caminho São Jorge; quarenta metros em linha reta, nos fundos ao correr da rua Seis para onde também faz frente; quatorze metros e oito centímetros, em linha curva, no cruzamento das ruas Quatro e Seis, a quatorze metros e seis centímetros, em linha curva, no cruzamento das ruas Cinco e Seis, existindo nessa área, na parte dos fundos, as ruínas de uma construção secular que devia ter sido um engenho, conhecido por "Engenho dos Erasmos" sendo que os barracões existentes na parte da frente serão demolidos por êles outorgantes doadores; que pela presente escritura e melhor forma de direito *doavam*, como de fato ora *doado têm*, à outorgada donatária *Universidade de São Paulo*, o imóvel acima descrito e confrontado e desde já cedem e transferem à mesma outorgada donatária, *tôda a posse, domínio, direitos e ação que sôbre o aludido imóvel ora doado exerciam*, para que a mesma donatária possa dêle usar, gozar e dispor, com a restrição adiante imposta, como sua que fica sendo de hoje em diante, por força desta escritura, obrigando-se, êles doadores, a fazerem a presente doação sempre boa, firme e valiosa, por si, seus herdeiros ou sucessores e a responderem pela evicção na forma da lei; que para efeitos legais estimam em um milhão de cruzeiros (Cr\$ 1.000.000,00) o valor do imóvel ora doado; que a presente doação é feita da parte disponível dêles doadores, com o intuito de preservar para o futuro as ruínas do Engenho de cana de açúcar, situadas na área escrita que em maior porção foi transmitida por Martim Afonso de Souza aos irmãos Erasmos Schetz, há quatro séculos, engenho êste que foi por êstes explorado por muitos anos, assumindo a donatária Universidade de São Paulo, a responsabilidade de conservar aquelas ruínas contra a ação do tempo, erosão, etc., *obrigando-se a construir um edifício no local da sede do Engenho antigo, destinado a escola, museu ou outra finalidade, sempre nos termos e condições propostos por êles doadores e donatários, isto é, para perpetuar a iniciativa da primeira indústria instalada no Brasil e quiçá na América do Sul*, condição que deverá ser cumprida pela donatária dentro de cinco anos da data da presente escritura. No caso de não ser construído o prédio e que as ruínas permaneçam no estado atual, ficará revogada e sem nenhum efeito a presente doação, revertendo o imóvel a êles outorgantes e doadores, sem direito da donatária a qualquer indenização ou retenção do imóvel. Pela outorgada donatária, *Univeridade de São Paulo*, por seu representante presente, foi dito ante as testemunhas, que aceitava esta escritura em todos os seus expressos termos, por estar de pleno acôrdo com a doação que ora lhe é feita. Apresentaram-me a distribuição desta, é mim hoje feita, e o conhecimento fiscal de isenção do pagamento do impôsto de transmissão "inter-vivos", do teôr seguinte: — Original — (Armas do Estado). — 1 Série nº 075. — Imposto sôbre Transmissão de Propriedade Imóvel "inter-vivos". Exercício de 1958. — Isento. Recebi da Universidade de São Paulo a importância de isento — relativa à guia supra nº 91. — Estação Arrecadadora de Santos em 20 de 1 de 1958. Visto (rubrica-ilegível). — Exator". De como assim o disseram, dou fé, me pediram e eu lhes lavrei esta escritura que feita, lhes sendo lida e às testemunhas, acharam conforme, aceitaram, outorgaram, do que dou fé e assinaram com as mesmas testemunhas, à tudo presentes, que são: — André Retz e Luiz Magalhães, brasileiros, casados, residentes nesta comarca e meus conhecidos. — Eu, Antônio da Silva Val, tabelião substituto, escrevi. — (aa) O. RIBEIRO DE ARAÚJO. — O. RIBEIRO A. FILHO. — ALFREDO ALMEIDA BARROS. — GABRIEL TEIXEIRA DE CARVALHO. — ANDRÉ RETZ. — LUIZ MAGA-

LHÃES. — (Estava legalmente selada). — Nada mais. — Trasladada em seguida e dou fé. — Eu (ass. Antônio da Silva Val) tabelião substituto, conferi, subscrevi e assino em publico e raso.

Em test<sup>o</sup> \_\_\_\_\_ da verdade.

ass.). — 3<sup>o</sup> Tabelião Substituto de Santos.

\*

Série nº 91/58.

Cópia.

Secretaria da Fazenda. Estado de São Paulo.

*IMPÔSTO DE TRANSMISSÃO INTER-VIVOS.*

Guia de Recolhimento.

Exercício de 1958.

Valor .....	Cr\$ 1.000.000,00.
Impôsto 8% .....	Cr\$ isento.
Total .....	Cr\$ isento.

O Sr. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

residente rua Helvétia n. 49/55 — São Paulo vai à Repartição Arrecadadora local pagar o IMPÔSTO DE TRANSMISSÃO “INTER-VIVOS” de Cr\$ isento sobre Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) sobre a doação que recebe de Octávio Ribeiro de Araújo e s/m; Alfredo de Almeida Barros e s/m e Octávio Ribeiro de Araújo Filho s/m, todos brasileiros, residentes à av. Ana Costa n. 176 e rua José Cabalero n. 34, Santos seguinte situado no perímetro urbano desta cidade de Santos: Uma área de terreno constituída da totalidade da quadra “D” da planta de loteamento da “Vila Santa Terezinha”, com 3.250,30 ms<sup>2</sup> e medindo 40,00 ms em linha reta, de frente para o Caminho São Jorge; 14,65 ms. em linha curva no cruzamento da rua Quatro com o Caminho São Jorge; 83,00 ms. em linha reta, da frente aos fundos, ao correr da Rua Quatro, com a qual divide à direita; 83,00 ms. em linha reta, da frente aos fundos, ao correr da rua Cinco, com a qual divide à esquerda; 13,76 cms. em linha curva no cruzamento da rua Cinco com o Caminho São Jorge; 40,00 ms. em linha reta, nos fundos, ao correr da rua Seis para onde também faz frente; 14,08 ms. em linha curva no cruzamento das ruas Quatro e Seis, e 14,06 ms. em linha curva no cruzamento das Cinco e Seis, existindo nesse terreno uma casa na frente e as ruínas do Engenho dos Erasmos, nos fundos. Dito imóvel faz parte do sítio “São Jorge” adquirido em maior porção pelas transcrições ns. 18.678 e 13.045, ambas da 1a. Circunscrição de Santos. Confrontando respectivamente com os srs. mencionados isento do pagamento do impôsto de transmissão “inter-vivos”, de acôrdo com o art. 31, inciso 5<sup>o</sup>, letra “B” da Constituição Federal.

Existem quedas d'água, jazidas, águas minerais ou térmicas? não.

Existe procuração em causa própria? não

Existe compromisso? não

Foi requerida a avaliação prévia do imóvel? não.  
A escritura vai ser lavrada no cartório do 3º Tabelião de Santos.

Santos, em 20 de janeiro de 1958.

Recibo n. 75 — Série n. 1 — em 20-1-1958.

\*

Santos, 21 de julho de 1958.

Ilmo. Sr. Júlio Mario Stamato.  
Reitoria da Universidade de São Paulo.  
Rua Helvétia nº 55, 7º andar.

*São Paulo.*

Saudações.

Referimo-nos à escritura de doação de uma área situada no Sítio São Jorge, onde se encontram as ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, por nós outorgada a essa Colenda Universidade, lavrada no Cartório do 3º Ofício desta cidade, livro nº 237, fls. 147, em 31-1-1958, vimos esclarecer que, em virtude da alteração de zoneamento havida desde o começo do corrente ano, constante de transferência de áreas rurais sujeitas ao Imposto Territorial Rural Estadual para áreas municipais urbanas, incidentes no Imposto Territorial Urbano Municipal, não foram até agora emitidos os avisos de lançamento de impostos respectivos.

Posto isto, não podendo ser obtida certidão negativa de imposto do imóvel em apreço, terá de ser aguardada a regularização do assunto para se poder transcrever no Registro de Imóveis competente a dita doação.

Apresentando os protestos de nossa consideração, firmamo-nos,

atenciosamente,

por Sítio São Jorge

as). — *Alfredo de Almeida Barros.*

\*

9). — *Transcrição de uma das notícias veiculadas por periódico da Capital por periódico desta Capital sobre a cerimônia da doação e enviada pela sucursal de Santos (A GAZETA, São Paula, 2ª feira, 3 de fevereiro de 1958, com 2 chichês em 5 colunas).*

Santos, 3 (Dep. A GAZETA) — Cerimônia de grande significado cívico e histórico realizou-se, na sala de sessões da Câmara Municipal desta cidade, com o ato de doação dos terrenos onde existiu o 1.º Engenho de Cana de Açúcar erguido no Brasil.

A solenidade, presidida pelo vereador Mariano Laet Gomes, contou com a presença de catedráticos da Universidade de São Paulo, além de pessoas ligadas ao histórico acontecimento.

Tomaram assento na mesa que presidiu a cerimônia, os professores Gabriel Teixeira de Carvalho, Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo e Luiz Antônio Gama e Silva, diretor da Faculdade de Direito de São Paulo; o dr. Francisco Malta Cardoso, da Associação dos Usineiros de São Paulo e o sr. Octávio Ribeiro de Araújo, um dos doadores dos terrenos.

Aberta a sessão, usou da palavra o prof. Gama e Silva, que pronunciou bela oração, referindo-se ao histórico do Engenho de São Jorge dos Erasmos, construído por Martim Afonso de Souza e que foi o primeiro construído no Brasil.

Ao final de sua interessante exposição, o prof. Gama e Silva teceu elogiosas referencias aos doadores e, de modo todo especial, a profa. Maria Regina da Cunha Rodrigues, adida à Cadeira de História Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, principal pesquisadora e lutadora para que se concretizasse a doação ora levada a efeito.

Discursou, em seguida, o dr. Francisco Malta Cardoso, em nome da Associação dos Usineiros de São Paulo, que com distinção e autoridade assegurou à Universidade de São Paulo, o necessário financiamento para a execução das obras referentes a restauração do Engenho de São Jorge dos Erasmos, em bases rigorosamente científicas.

Foi o terceiro orador da solenidade, o prof. Gabriel Teixeira de Carvalho, magnífico reitor da Universidade de São Paulo, que agradeceu tanto aos doadores do terreno como também à Associação dos Usineiros paulistas.

O professor Teixeira de Carvalho teceu ainda elogiosas referencias à pesquisadora paulista, professora Maria Regina da Cunha Rodrigues, pelo seu trabalho em tórno da grande conquista histórica que se efetivava naquele momento. Seguiu-se o ato de assinatura da doação, precedido pela leitura da escritura feita pelo tabelião substituto sr. Antônio da Silva Barros, do Cartório de Registro de Imóveis de Santos e assinado pelos srs. Octávio Ribeiro de Araújo, Octávio Ribeiro de Araújo Filho e Alfredo de Almeida Barros, como doadores e pelo prof. Gabriel Teixeira de Carvalho, pela donatária.

Discursaram, em seguida, os srs. prof. José de Araújo Ribeiro Filho, representando os departamentos de História e Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, na pessoa de seus diretores, prof. Eurípedes Simões de Paula, catedrático de História Antiga e o prof. Aroldo de Azevedo, catedrático de Geografia do Brasil, respectivamente; dr. José Pedro Leite Cordeiro, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; prof. Durval Ferreira, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santos e, finalmente, encerrando a solenidade, falando em nome da Câmara Municipal de Santos, qua ali representava e, ainda, por encargo dos doadores, o vereador Mariano Laet Gomes.

\*

\* \* \*

d. — CONVÊNIO ENTRE A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E O 4º DISTRITO DA DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA.



CONVÊNIO.

A Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pelo Chefe do seu 4º Distrito e a Universidade de São Paulo, pelo Presidente da Comissão Especial nomeada pelo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para dar destinação ao patrimônio denominado "Engenho dos Erasmos", localizado no Município de Santos, acordam em promover a conservação e a restauração parcial da ruínas existentes na gleba transferida para a Universidade de São Paulo por escritura pública de doação, passada em 31 de janeiro de 1958 no 3º Tabelião de Notas da Comarca de Santos, livro 237, fôlhas 147, nas bases e condições abaixo:

1º). — O 4º Distrito do D.P.H.A.N. fará executar, de conformidade com as suas normas neste gênero de trabalhos, as obras de consolidação das ruínas, bem assim aquelas que se fizerem necessárias e convenientes para o uso cultural e documentário do patrimônio mencionado acima, tais como a construção de um edifício destinado a abrigar peças de museu (museu do ciclo do açúcar no litoral do sudeste brasileiro), no local em que, presumivelmente, existiu a fábrica do antigo "Engenho dos Erasmos", aproveitando, quando possível, as paredes, torreão, muros e pisos de pedra existentes, consolidando-os, construindo ou os reconstruindo como julgar necessário e conveniente e cobrindo o conjunto com telhas coloniais antigas, apoiadas em madeiramento adequado, com base em telhados de engenhos conhecidos e promovendo a construção de obras ou a execução de trabalhos complementares que se fizeram necessários.

2º). — Para a execução das obras previstas no item anterior, obedecer-se-á, nas linhas gerais, ao "Projeto de aproveitamento parcial das ruínas existentes e de cobertura baseado em telhados de engenhos conhecidos" elaborado pelo 4º Distrito da D.P.H.A.N. para o Engenho "São Jorge dos Erasmos" em julho de 1962 e constante de fls. 187 do processo 3591-55 da Universidade de São Paulo.

3º). — A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, pela Comissão especial do "Engenho dos Erasmos" pelo seu Diretor, que também este subscreve, entregará ao Chefe do 4º Distrito do P.H.A.N. os adiantamentos de verba que lhe fôrem fornecidos pela Reitoria da Universidade de São Paulo ou as importâncias que vierem a ser obtidas de outras fontes, inclusive extranhas ao Governo do Estado de São Paulo e destinadas ao custeio das obras programadas. Essas importâncias serão depositadas em conta do Banco do Estado de São Paulo, conta essa a ser movimentada pessoalmente pelo Chefe do 4.º Distrito da D.P.H.A.N., devendo este prestar contas da aplicação das verbas quando solicitado.

4.º). — Devendo ser entregue ao Diretor do 4.º Distrito da D.P.H.A.N., até o dia 31 de dezembro de 1962 a importância de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) autorizada pelo Senhor Governador do Estado para uso no Engenho dos Erasmos, uma vez efetivado tal adiantamento e entregue a importância naquele prazo ao Chefe do 4º Distrito, serão iniciadas as obras dentro dos primeiros dez (10) dias do mês e prosseguindo na medida das disponibilidades de verbas destinadas àquela construção e entregues pela Universidade de São Paulo para a aplicação pela D.P.H.A.N.

São Paulo, 20 de dezembro de 1962.

(a). — *Prof. Dr. Ary França.*

Presidente da Comissão do "Engenho dos Erasmos".

(a). — *Dr. Luís Saia.*

Chefe do 4º Distrito do D.P.H.A.N.

(a). — *Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri.*

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da  
Universidade de São Paulo.

\*

\*

\*

e). — MONUMENTO NACIONAL.

— *Ofício n.º 734, de 2 de julho de 1963, do Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.*

*MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA.*

Of. n.º 734.

Em 2 de julho de 1963.

*Do:* Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

*Ao:* Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

*Assunto:*

Senhor Diretor:

Tenho a honra de comunicar a V. Excia. que, de acordo com o que pleiteou a Diretoria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em reunião realizada a 26 de junho próximo findo, resolveu, por unanimidade de votos, inscrever o ENGENHO DOS ERASMOS, no morro do Marapé, Santos, São Paulo, nos LIVROS DO TOMBO, instituídos pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Excia. os protestos do meu elevado aprêço.

a). — *Rodrigo M. F. de Andrade.*  
Diretor.

Ao Senhor

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,  
Universidade de São Paulo.  
Praça da República, Edifício da Escola Normal.  
São Paulo, S. P.

678-T  
JM/r

\*  
\*   \*  
\*

V. — *Conclusões.*

Na pesquisa que teve como conseqüência a doação das terras do Engenho São Jorge dos Erasmos e localização de documentação inédita relativa ao primeiro estabelecimento açucareiro do Brasil, até agora conhecido, podemos destacar as seguintes etapas:

- 1º). — Artigos sôbre a significação das ruínas do Engenho São Jore dos Erasmos, ocasionando o processo de doação e o início das pesquisas sôbre a documentação antuerpiana referente ao mesmo.
- 2º). — A Comissão do IV.o Centenário da Cidade de São Paulo entrou em entendimento com a autora dos artigos e com a Associação dos Usineiros do Estado de São Paulo, encontrando significativa receptibilidade.
- 3º). — Doação à Universidade de São Paulo de área onde se acham as ruínas, pelo Sr. Octávio Ribeiro de Araujo, concretizada aos 31 de janeiro de 1958, em cerimônia cívica realizada na Câmara Municipal de Santos.
- 4º). — Convênio entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidadé de São Paulo e o 4º distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Educação e Cultura, aos 20 de dezembro de 1962.
- 5º). — Tombamento das ruínas do Engenho pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Educação e Cultura (DPHAN-MEC), catalogado como Monumento Nacional aos 26 de junho de 1963.
- 6º). — Excavações locais feitas pelo 4º distrito da DPHAN — MEC, revelaram peças ligadas à antiga indústria canavieira, talvez únicos remanescentes da primitiva tecnologia açucareira, ligada à fase mediterrânea da indústria, bem como restos das construções que revelam tratar-se do tipo açoreano de edificações, — mais antigo que o nordestino, — o que reforça a tese da prioridade do açúcar vicentino.
- 7º). — Auxílio da Associação dos Usineiros de São Paulo para os trabalhos de campo iniciais, face à dificuldade, na ocasião, da liberação da verba concedida pela Reitoria da

Universidade de São Paulo, bem como ajuda da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, durante um ano, para a proteção das obras.

- 8º). — Localização da documentação antuerpiana nos Arquivos Reais da Bélgica, após tentativas várias através de contacto com o 8º duque d'Ursel, descendente dos antigos proprietários do Engenho (os Schetz).
- 9º). — Consulta e informação do Prof. Hermann Kellembenz, da Universidade de Erlagen-Neumberg, sôbre a documentação antuerpiana, após visita feita, no Brasil, às ruínas do Engenho dos Erasmos, em 1958.
- 10º). — Artigo do prof. Carl Laga, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, sôbre documentação existente em Arquivos Belgas, relacionada com o Engenho dos Erasmos, durante viagem a sua terra natal (1963).
- 11º). — Ofício ao Sr. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em resposta ao seu pedido de informações à comissão e, solicitando as providências necessárias à continuidade dos trabalhos iniciados e lavratura da escritura definitiva, da área onde se acham as ruínas do Engenho.

Vê-se pelo exposto, que se confirma, através das investigações realizadas, a existência de documentação indicada pelo nosso Prof. Sérgio Buarque de Hollanda, face à informação que lhe foi transmitida por um provável ex-bibliotecário do Duque d'Ursel. Esta informação deu origem a uma proposta do referido professor à Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo,

“No sentido de se proceder a um levantamento e à eventual publicação dos textos do arquivo do Castelo d'Ursel que interessam a História de São Paulo e do Brasil”.

Proposição aceita por unanimidade pela Comissão, embora não se tivesse chegado a resultados positivos. Só posteriormente e independente da Comissão do IV Centenário, é que foi a documentação localizada, corroborando a orientação dada pelo Prof. Sérgio Buarque de Hollanda.

Observa-se que, embora já feita uma primeira abordagem sôbre as referidas fontes, seu conteúdo permanece em grande parte enigmático. Acreditamos, no entanto, — em virtude de publicação recente, — na possibilidade de informações valiosas, que ela possa

conter, seja no plano econômico, seja referente à produção e comércio do açúcar no século XVI. O exame cuidadoso da documentação antuerpiana constitui preocupação da Comissão encarregada da direção dos trabalhos relacionados com o Engenho dos Erasmos, sem falar da preservação das ruínas e do seu aproveitamento cultural e educativo. É evidente o interesse pelas possibilidades de aproveitamento das ruínas em local de centro de estudo e exposição histórica, comportando não somente um Museu, como transformando-se em atração turística e escolar para os visitantes interessados.